

O FILHO DO ALFAIATE

N.º 5

OU

AS MÁSCOMPAÑIAS.

DRAMA

EM CINCO AGTOS E UM PROLOGO

PELO DOUTOR

Carlos Antonio Coidera.



RIO DE JANEIRO.

Typ. do DIARIO . de L. A. Navarro de Andrade.

Rua do Rosario n. 87.

1855.

0290.592 48

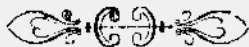
12/5/2010



12 2 10

C
D
T
se
ga
sa

DEDICATORIA.



ILLM. E EXM. SR,

CONSELHEIRO JOSE' THOMAZ NABUCO DE ARAUJO.

Levo respeitosamente ás mãos de V.Ex. o quinto Drama da collecção, que ousei dedicar a V. Ex. Tenho certesa, de que apesar de seu nenhum merito, será por V. Ex. bem recebido, attenta a sua não vulgar bondade.

Approveito ainda esta occasião para confessar-me

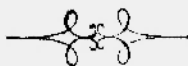
De V. Ex.

Devotado Criado e Respeitador,

Carlos Antonio Cordeiro.

fal
dei
a r
bur
ou
on
d'a
nh
qu
de
che
bo
són

PROLOGO.



O objecto do presente Drama é seguramente uma fabula; mas nem por isso alguns dos seus episodios deixão de ser verdadeiros. Tendo eu observado, que a maior parte dos crimes julgados em nossos Tribunaes, são resultados, ou de educação deleixada, ou de más companhias, tencionei escrever um drama, onde ao vivo mostrasse os perigos desses dois inimigos d'alma e do corpo. Conseguindo levar a effeito a minha intenção e arranja-lo, agora o exponho ao publico: queira o Céu que o mesmo publico bem o receba, desculpando os erros, de que necessariamente irá recheado. Se a execução do meu pensamento não foi boa, meus desejos forão santos, e então attenda-se sómente á estes, e que me sirvão de indulto.

O AUTOR,

C. A. Cordeiro.

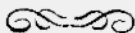
PERSONAGENS DO PROLOGO.

BRUNO, moço de vinte annos filho de
GONÇALO, Alfaiate, e de
MARIANNA
LAFUERCA, inculcado doutor hespanhol.

PERSONAGENS DO DRAMA,

BRUNO, debaixo do nome de Rodolpho.
LAFUERCA.
PETRONILHO }
CORTEZ } companheiros de Lafuerca.
FERREIRA DA VEIGA, negociante rico — velho.
GONÇALO, cego.
UM MEDICO.
BRANDET, ourives francez.
JULIÃO, dono de um hotel no Jardim Botânico.
EMILIA, filha de Ferreira da Veiga e mulher de
Bruno.
EUFEMIA, joven cortesã de máos costumes.
MARIANNA, mãe de Bruno.
UM OFFICIAL DE JUSTIÇA.

Officiaes de justiça e pedestres.



A scena passa-se no Rio de Janeiro: no prologo em casa de Gonçalo; no 1.º acto em um hotel, no Jardim Botânico; no 2.º, 3.º e 4.º no escriptorio de Ferreira da Veiga; e no 5.º, em um sotão, em que habita Gonçalo e Marianna.



PROLOGO.

O theatro representa uma pequena sala com uma unica porta de rotula no fundo, que dá sahida para a rua. A direita da scena, e no primeiro plano ha uma porta, que dá para a loja de Gonçalo: no ultimo plano outra porta que communica com o quarto de Marianna. A esquerda da scena no primeiro plano existe a porta do quarto de Bruno, no segundo uma janella de vidros, que se figura dar sobre um pateo. Na sala estão espalhadas algumas cadeiras, uma mesa redonda uzada e sobre ella um castiçal com vela acesa. No fundo ao lado direito da scena uma marqueira com cama feita, e do lado esquerdo uma commoda velha. (*E' noite.*)

SCENA I.

BRUNO (*vestido como para um baile porém em mangas de camiza*) e o DR. LAFUERCA.

LAFUERCA (*continuando a conversar.*)

Isso forão caprichos da sorte, que não durão por muito tempo: verás hoje, meu amigo, verás como o vento muda, e como ferás um lucro extraordinario. As cartas são assim, em uma noite dão de rosto, mas logo na seguinte vem dar uma complecta satisfação. Não deixes por tanto de apparecer, que o combate liade ser tremendo, e teremos no fim muito que rir com os despojos do inimigo.

BRUNO.

Eu não sei, se poderei ir; hontem perdi tudo quanto tinha, e hem vê o Sr. Doutor, que sem diaheito não se pôde jogar.

LAFUERCA.

Isso lá é verdade, sem munições não se faz a guerra; mas a um espirito, como o teu, meu menino, nunca faltão expedientes. (*Approximando-se e abaixando a voz.* A mãisinha, a mãisinha, que é tão trabalhadeira, hade ter por força algumas economias; pede-lhe a titulo de empréstimo alguma quantia, que ella nao l'a recusará. As velhas neste mundo, onde nada mais gozão, só se occupão em juntar dinheiro, e se lhe hade dar a ponilha, melhor é, que o vas gastando em teus divertimentos.

BRUNO.

Eu já lh'o pedi; mas ella ficou em duvida, se m'o daria, não porque não quizesse, e sim por não tel-o.

LAFUERCA.

Ora hade ter; essa gente nunca está descalça. Assim logo que te armares, nada de demoras: apresenta-te na lica para a desforra, que hoje tenho palpito de que ganharas.

BRUNO.

Deus o queira; a sua boca seja de um anjo.

LAFUERCA.

Eu não me detenho mais, porque já se vai fazendo tarde, e os parceiros estão a minha espera. Adeos, meu Bruno, até breve, não é assim?

BRUNO.

Farei todo o possível.

LA FUERCA.

Bm. adeos, *(dirige-se para o fundo.)*

BRUNO *(acompanhando-o.)*

Adeos, Sr. Doutor.

(LA FUERCA vai-se pela rotula que BRUNO torna a fechar.)

SCENA II.

BRUNO *(so.)*

Este homem é meu amigo, e é de consciencia. Quando me ganha ao jôgo, conhece-se mesmo que é com pezar seu, e que tudo faz para me dar a desforra, mas é tão feliz, que mesmo contra a sua vontade as cartas o favorecem. Diabo! tenho andado com um caiporismo horrivel! Nessa casa só ganhei a primeira noite; em todas as outras tem sido um perder sem conta. Quanto dinheiro minha mãe me tem dado, tem-se lido n'um abrir e fechar d'olhos, o relógio de ouro que me deu meu padrinho, fez vispora, o aluguel de trez mezes da loja que meu pai mandou pagar, tambem foi-se. Se não me desforrar, não sei o que será de mim; mas para a desforra é necessario dinheiro, e este, se minha mãe não liver, onde o ir buscar? *(refletind.)* E' impossivel que meu pai não tenha algum capital junto. A' tanto tempo a trabalhar, e tão forreta... hade ter por força algumas sobras. Se eu pudesse descobrir onde existe esse thesoaro?... isto não seria furto; como

sou filho unico, e tudo hade vir a ser meu, seria apenas um adiantamento. . . . Enfim veremos por ora, o que se arranja com minha mãe. Vou acabar de vestir-me. (*Vai-se para o quarto*).

SCENA III.

MARIANNA (*vem do quarto e senta-se junto á mesa onde deita a costura.*)

Já dez horas !! Hoje não trabalhei nada e não sei como arranjar o dinheiro que Bruno me pediu. Queria ver se concluia toda esta obra para amanhã receber o seu importe; mas agora conheço que é impossível (*Tira os olhos e levanta-se*). Já não posso lazer o que fazia dantes : as forças me vão faltando, e sobre tudo a constante applicação de noite tem-me enfraquecido a vista por tal modo, que agora só alcanço coser roupas grosseiras. Deus queira que essas mesmas nunca me faltem, por que enfim sempre me vão dando para supprir as necessidades do meu Bruno, Coitadinho ! que bom filho que elle é ! como me eslima ! Seu pai queria por forza obrigar-o a aprender o seu officio de alfaiate, contrariando assim a vocação do menino, que só atria para cousas grandes. Se eu não me pozesse teza, oppondo-me com todas as forças, hoje estaria a pobre criança condemnada a viver sobre um banco,cozendo forros de colletes, e pregando botões em calças. Nada, fiz cabeça dura, bati o pé, e o rapaz foi estudar *graphia, philosostria* e não sei o que mais, para poder ir para S. Paulo, e vir a ser um grande doutor : sim, porque elle sempre teve boa cabeça e o padre mestre Romualdo, que lhe ensinou *as grammaticas* do latim, me disse muitas vezes, que boa memoria tinha elle, e que se não estava mais adiantado, era por ser um bocadinho preguiçoso ; porém o que se poderia esperar então de uma criança de 18 annos ? rapasiadas. . . vontade

de brincar. (*Vai a porta do fundo e olha por ella*. Oh! lá está elle vestido e ao espelho, irá saber? onde irá a estas horas?

SCENA IV.

A MESMA E BRUNO.

BRUNO (*vestido como para um baile.*)

Minha querida mãisinha, estimo bem encontral-a so.

MARIANNA (*mirando-o.*)

Estás muito casquilho; onde vais debaixo de todo este rigor?

BRUNO.

Vou ao baile da sociedade Proserpina.

MARIANNA.

Pois tão tarde? Já derão 10 horas.

BRUNO.

E que tem isso? Hoje o grande tom é ir-se bem tarde para os bailes. Só a gente de pouco mais ou menos é que comparece nas sociedades ao accender das velas. Eu não quero ser d'esse numero, e apesar de ter a desgraça de ser filho de um alfaiate, nutro sentimentos muito elevados.

MARIANNA.

Não falles com tanto desprezo do officio do teu Pai. Se elle souber não hade gostar.

BRUNO.

Ora adeos, pois que se amolle. Cada um nasce com a sua propensão. Elle veio ao mundo para pôr fundilhos em ceroulas, e eu para fazer uma figura brilhante. N'isso mesmo deve elle ter grande gloria.

MARIANNA.

Olha, meu filho, eu por mim gosto de ver-te com esses nobres sentimentos; mas teu Pai é que não pensa como eu. Assim tu chegasses a ser no teu Paiz um figurão; para mim não haveria maior felicidade, e por isso a nada me poupo; trabalho como uma negra, e tudo quanto ganho é para ti.

BRUNO (*abraçando-a.*)

Obrigado, minha querida mãe, muito obrigado. Diga-me, arranjou o que lhe pedi?

MARIANNA.

Não pude, meu filho, por mais que fizesse, não acabei a costura.

BRUNO.

É porque não mandou pedir ao dono o dinheiro adiantado?

MARIANNA.

Porque bem sabes que teu Pai não gosta e eu evito atural-o, que está cada vez mais sarrazina.

BRUNO.

Meu Pai? sempre meu Pai? que inferno! (*Atira com o chapéo ao chão.*) Maldita bora em que vim ao mundo!

MARIANNA (*acariciando-o*)

Está bom, meu filho, não te aflijas. O que não se faz por Santo André, faz-se por S. Thomé. Tem paciência. Vai ao teu baile, dança bem, e amanhã então terás o dinheiro, ~~que~~ me pediste.

BRUNO (*apanhando o chapéo.*)

Dançar? dançar eu? por quem me toma, minha mãe? Julga que eu pertença ao numero d'esses papalvos, que vão dar-se ao disfructe em publico? Graças a Deus tenho mais juizo do que pensa.

MARIANNA.

Pois como? vais á bailes, e não danças?

BRUNO.

Não, senhora.

MARIANNA.

E o que fazes toda a noite?

BRUNO.

Jóga.

MARIANNA (*assustada.*)

Jógas?!

BRUNO.

Jógo sim, jógo o ecarté, jógo o lansquenet, jógo o bacirau, jógo a banca, jógo emfim tudo quanto se me apresenta.

MARIANNA.

Ah meu Brnuo ! tenho ouvido sempre dizer que o jogo é um vicio terrivel!. . . . que é a perdição da mocidade !

BRUNO (*surrindo-se.*)

Historias da caroxinha. No tempo em que ainda se uzavão as cabelleiras empoadas e os rabixos, o fumar era uma infamia, e chamavão marinheiros, aos que o lazião; o namorar era um atentado que desacreditava qualquer moço ; o beber era uma indignidade, e o jogar um crime atroz ; mas hoje, que felizmente estamos no seculo das luzes, hoje que a civilisação tem progredido a passos de gigante, veem-se crianças de 5, e 6 annos fumando pelas ruas grandes charutos e é isso lido por uma galanteria.

Os rapazes do bom gosto namorão até pelos jornaes e seus escriptos são elogiados como peças de litteratura. Os elegantes de proposito se embebedão para se assemelha-rem aos inglezes, e nem por isso ficão desconceituados, e finalmente não ha mais quem não jogue sob pena de parecer jarreta e rocóco. O tempo do Onça já lá se foi, minha mãi, hoje estamos na quadra do progresso.

MARIANNA.

Tudo assim será, Bruno, porém . tenho muito medo do jogo.

BRUNO.

Não acredite em cucas. O jogo, senhora, é a poesia da vida, é como o espirito, que anima o corpo, é como as flores que esmaltão um jardim : o que seria um baile senão fora o jogo ? uma monotonia continuada, e enjoativa, capaz de produzir somno no ente mais escandecido. Aquillo a que se chama contradança, não é mais do que uma completa massada, onde os homens e as damas andando para

diante e para traz, parecem bonecos de engonço, ou cavallos de S. Jorge á fazerem cortesias. A tal famigerada walsa é um desenxabido corrupio em que as damas atracando-se aos homens, poem-lhes os queixos em cima dos hombros e ficão com carinhas de sauys da Bahia ; e então a polka e a schotichtz ? Isso hoje dança-se a maneira de quem socca defuntos. O jogo pois é quem dá animação a essas sociedades.

MARIANNA.

Apezar de tudo quanto me tens dito, acho que deve ser mais divertido assim mesmo odancar, do que estar pregado uma noite inteira sobre uma mesa a olhar para cartas, e a perder dinheiro.

BRUNO.

E as emoções que se sente, não valem nada ? Ora figure uma roda de bacarau, por exemplo, onde estão 9 ou 10 parceiros : um banca ou dá as cartas, que vem a ser o mesmo. A banca é de 4 ou 5 contos de réis, que estão bem á vista em rumas de bilhetes e peças de ouro. Eu paro. . . cem mil réis, suponhamos : se tiver 9, ganho o triplo, isto é 300 \mathfrak{R} rs. Dão-se as cartas ; logo que recebo as minhas, vejo a de cima ; é uma figura, que vale 10 ou nada : filo a outra pela cabeça, quadreja ; passo a filal-a do lado, ainda quadreja : começam então as colicas, começa o prazer e o susto : se for um 9, o ganho é certo, se for um 10, perco. Vou escorregando a carta devagar, vou indo, pinta o umbigo ; oh ! prazer inesperado ! é um 9, ganho 300 \mathfrak{R} rs. que os arrecado com ambas as mãos, ficando o banqueiro com o semblante desconsolado. Que gratas sensações então para a minha alma ! Ora diga-me em consciencia pôde haver melhor divertimento ?

MARIANNA.

E se em vez de um 9, te vem um dez ?

BRUNO.

Perco ; mas ainda assim ha poesia—A raiva, o desgoste de perder são fortes impressões que obrigao o espirito a agitar-se profundamente : só as imaginações acanhadas, só os entes nimiamente prosaicos, são os que maldizem e calunhão o jogo.

MARIANNA.

Emfim tu que o dizes, é que assim será.

BRUNO.

Não tenha a menor duvida (*mudando de tom*) e era para divertir-me, minha mãe, era para entregar-me a esse bello passatempo, que eu lhe havia pedido dinheiro.

MARIANNA.

E o que fizeste do que te dei hontem ? dos 200 rs. porque vendi os meus brincos, e o meu cordão ?

BRUNO.

Esses perdi ao lansquenet. A sorte me foi adversa ; mas hoje, minha mãe, hoje prometto, que heide ganhar 10 ou 12 vezes mais do que essa quantia. Dê-me dinheiro, e repartiremos os lucros.

MARIANNA.

E como te heide dar, se não tenho real ? Se o possuísse, bem sabes que estava todo ás tuas ordens.

BRUNO (*arrancando os cabellos.*)

Os diabos me carreguem para os infernõs ! maldita hora

em que nasci de gente pobre ! Hoje que me esperão, que prometti não faltar, é que não tenho dinheiro ! pois heide arranjal-o, seja como fôr, inda que para isso seja necessario. . . .

A VOZ DE GONÇALO (*fóra*).

Boa noite, visinho, appareça amanhã mais cedo para conversar-mos.

MARIANNA.

Ahi vem teu pai.

BRUNO.

Inda mais esta ! (*a mãe*). Não quero que me veja ; por que estou farto de ouvir sermões ; volto para meu quarto, e Vm. faça com que elle durma quanto antes. Se perguntar por mim, diga-lhe que sahi.

MARIANNA.

Pois sim, pois sim, vai descansado. (*Bruno volta para o quarto e Marianna vai de novo assentar-se à mesa*).

SCENA V.

A MESMA, GONÇALO (*com um embrulho de papel*).
E BRUNO (*que de vez em quando espia do quarto*).

GONÇALO.

Que é isto, Marianna, ainda estás acordada ? suppoz já vir encontrar-te dormindo. Já derão 10 horas e. . .

MARIANNA (*com mau humor.*)

Sim, já derão dez horas ? pois eu julgava ser mais cedo, visto que o senhor ainda não se havia recolhido. Esteve aviando freguezes até agora ?

GONÇALO.

Não, estive conversando com o compadre Zacharias.

MARIANNA.

O marceneiro do canto, não é assim ? esse grande doutor que lhe sabe dar tão bons conselhos, sem os tomar para si ? (*Levanta-se e vem para a scena*). Sr. Gonçalo, por muitas vezes lhe tenho dito que não tenha amizade com semelhante homem ; o senhor não me quer ouvir ? pois bem, continue, depois não se queixe.

GONÇALO.

Oh ! meu coração, foi por muito pouco tempo e isso mesmo, porque elle veio pedir-me um favor, que eu não lhe podia recusar.

MARIANNA.

Pois hade poder, que assim o quero.

GONÇALO.

Agora ja é muito tarde, por que já lh'o fiz.

MARIANNA.

E sem consultar-me ? sem primeiro ouvir-me ? Vejão todos que monstro ! . . . que marido ! Depois diga, que eu é que sou a má, que tenho mau genio !

GONÇALO.

Tambem a cousa em si era tão insignificante que me pareceu não valer a pena de consultar-te. Pediu-me elle para lhe guardar este dinheiro, que são 2:500\$ rs.

BRUNO (*da porta do quarto.*)

Dous contos e quinhentos mil reis !!

GONÇALO.

Emquanto vai a Iguassú ver uma casinha de negocio, que esta lá apromptando. Como isto não me custou senão dar-lhe um recibosinho (por que ha morrer e viver) acreditei que não levarias a mal. (*Vai pôr o embrulho sobre a mesa.*)

MARIANNA.

Anda agora o senhor feito thesoureiro desse intrigante, que não faz senão metter-lhe caraminholas na cabeça e calumniar seu filho.

GONÇALO.

Olha Marianna, tudo será como dizes, mas nesse particular és injusta. Elle se alguma cousa me conta, é para o bem de Bruno, e até agora mesmo acaba de offerecer-me um partido para elle, que não é lá muito para desprezar. E se tu quizessees....

MARIANNA (*rindo-se.*)

Partido offerecido pelo Sr. Zacharias? ... hade ser bom. Ora vejamos, que grande fortuna é essa, que elle propõe.

GONÇALO.

Eu vou dizer-t'a ; mas has de primeiro prometter-me ouvir-me até o fim sem te zangares.

MARIANNA.

Já sei que temos despropositos, mas hoje estou de paixão (*assenta-se*). Aqui me tem as suas ordens, desenrole a lingua.

GONÇALO.

Tu sabes que Bruno está com os seus 20 annos, e que tendo eu gasto com elle aquillo que não podia, desgraçadamente tenho visto perdido todo o fructo do meu trabalho. O rapaz andou 6 annos no latim, e em lugar de ir para a aula, umas vezes saía-se para a Ilha das Cobras ou para a Arêa de Hespanha com outros garotos de sua idade e ali se entrefinha a jogar a pantana : outras vezes muscava-se para o morro de Paula Mattos a apanhar pitangas, e n'isso consumia dias e semanas, ao passo que os livros ficavão abandonados, que os sapatos e a roupa se estragavão, e que no fim do mez eu fazia-me em dinheiro para o mestre.

MARIANNA.

Se foi para isso, que me quiz falar. . . . boa noite. (*vai retirar-se.*)

GONÇALO (*retendo-a.*)

Espera, espera, que já vou ao poato. Como eu ia dizendo.

Quando eu queria reprehendel-o ou castigal-o, tu sempre te opunhas, e algumas vezes até ficavas mal comigo por

8 e mais dias. Elle que se via assim com as costas queentes, ia de mal a peor, e já por ultimo não sahia dos botequins a fumar e a jogar o bilhar. Tirei-o do estudo, pulo no afamado collegio de Mr. Tricopherus, onde lhe mandei ensinar a dançar, a solfa, pintar retratos, a *calafria*, *estrometria*, cmlim tudo, com o que fazia uma despeza horrorosa ; mas elle bolava do collegio, e agora metten-do-se-me em casa, ausenta-se dias e noites sem a tua ou a minha autorização. . . . Isto não me vai cheirando-muito bem, e o coração me diz, que elle deve acabar mal, mas de que me serve o reprehendel-o, se tu o apoias, e a tudo lhe dás amens ?

MARIANNA.

E é esse o partido em que lhe fallou o seu compadre ? . .

GONçALO.

Tem paciencia, não digo isto para te amofinar ; sei que és mãe, e que hasde estimar teu filho unico ; mas é preciso que o amor não degenera em fraqueza, do contrario pôde contribuir para a perdição dos mesmos, a quem presamos.

MARIANNA (*querendo levantar-se.*)

Bravo ! tem o senhor fallado como um padre ; mas como não estou para aturar ladainhas, vou deitar-me

GONçALO (*retendo-a.*)

Ahi estou, ahi estou chegado. O meu compadre, como disse, está arrançando em Iguassú uma casa de negocio, e porque precisa de uma pessoa que lhe escreva, propoz-me levar com si Bruno. O rapaz já tem mostrado, que para os estudos não serve, assim applicando-se ao negocio, pôde ainda vir a ser grande cousa. Que dizes a isto Marianna ? consentes que elle vá ?

MARIANNA.

A palavras loucas, orelhas moucas (*levanta-se*). Sempre julguei, Sr. Gonçalo, que Vmc. fosse homem de mais juizo; mas agora vejo que é mesmo uma miseria. Então queria que meu filho, que tanto trabalho me tem dado, com quem tenho gasto a minha humanidade para ver se faço d'elle gente, fosse enterrar-se em vida em uma miseravel tasca a vender copos de caxassa? Espero em Deus que tal rão acontecerá. Se elle não tem pai, ou antes se tem um para servir-lhe de verdugo, em quanto me restarem forças para trabalhar não lhe faltará cousa alguma. Diga ao seu bello compadre, que guarde o seu favor para quem precizar d'elle.

GONÇALO.

Porém ao menos attende. . . .

MARIANNA.

Basta de seccar-me os ouvidos, que já estou com dores de cabeça. Vá tratar de dormir, Sr. Gonçalo, que isso é somno ou patelice.

GONÇALO.

Está bom, está bom, não fallemos mais em tal cousa: tomo o teu conselho. . . vou dormir, que a fallar a verdade sinto já um grande peso nos olhos; porém onde guardarei este dinheiro? na commoda? está sem chave.

MARIANNA (*mosfando.*)

E tem medo de que o roubem? Parece-me que aqui não ha ladões.

GONÇALO.

Dizes bem. Vou pô-lo em uma das gavetas. Boa noite, Marianna, não fiques zangada commigo, ouviste?

MARIANNA.

Saúde; mela-se na cama, que eu vou fazer o mesmo *(vai-se)*.

SCENA VI.

GONÇALO *(vai á commoda, põem dentro de uma gaveta o embrulho, e Bruno da porta do quarto acompanha os movimentos.)*

GONÇALO.

Aqui mesmo fica bem, não ha perigo, e posso dormir a sono solto. *(olhando para a porta do quarto de Bruno)*, Mas esta porta aberta? o quarto dá para o becco e o rapaz, que é um doido, pôde não ter o cuidado de fechal-a quando vier! Assim sera sempre prudente dar volta a chave, que cautella e caldo de gallinha nunca fizeram mal a doentes. Quando elle vier que bata *(fecha a porta)*. Muito bem. Agora vamos repousar este corpo cansado. *(Leva a vela que põem sobre a commoda, tira a jaqueta, benze-se e apaga a luz e deita-se. O theatro fica em treva)*.

SCENA VII.

O MESMO E BRUNO.

BRUNO (*depois de ter arrombado a janella de vidros, salta na scena ás apalpadellas, e escuta a ver se o pai já dorme.*)

Já ressona: está dormindo, animo! dous contos e quinhentos! terei dinheiro por muito tempo. (*Vai á commoda, tira o embrulho e na occasião em que vai fechando a gaveta, apparece Marianna com uma luz na mão.*)

SCENA VIII.

OS MESMOS E MARIANNA.

MARIANNA.

Agora vamos soltar o passaro

BRUNO (*veado a mãe.*)

Minha mãe!!! fujamos (*corre e salta pela janella.*)

MARIANNA (*veado-o, grita*)

Meu Deus! Bruno aqui??

GONÇALO (*accordando asustado.*)

Quem é ? quem está ahí ? (*Salta á commoda e não vendo o dinheiro exclama.*) Estou roubado ! estou perdido !
(*Cai assentado sobre a cama cobrindo o rosto.*)

MARIANNA (*cahindo de joelhos.*)

Eis o fructo de minhas condescencias !



C

o

ex
c
q
ra

ca
m

gr

ag



ACTO I.

O theatro representa o jardim de um hotel e no fundo um caramanchão, onde ha uma mesa, e bancos.

SCENA I.

DR. LAFUERCA E JULIAO, DONO DO HOTEL.

LAFUERCA.

Pôde contar com seis ou oito pessoas, e todas as mais exigentes; por tanto procure dar-lhes o melhor que tiver, e sobre tudo, que o vinho seja excellente; o que me parece que ha de ser dillicil, por que os senhores aqui só tem zurrapas, que não se podem tragar.

JULIAO.

Perdoe-me, senhor, isso não se entende comigo. Sempre caprichei em ter do bom e do melhor, e é por isso que o meu hotel é o mais afamado do Jardim.

LAFUERCA.

Veremos, veremos: os senhores em palanfrorios são grandes. Diga-me teremos peixe?

JULIAO.

Magnifico! uma garoupa de seis palmos, que chegou agora mesmo saltando.

LAFUERCA.

Então já se sabe, prepare-a, segundo as regras, para o jantar, e trate de servir o almoço quanto antes, que já não é cedo.

JULIÃO

Em um instante será servido. Com sua licença (*vai-se.*)

SCENA II.

LAFUERCA (*só.*)

Nada tenho economisado para passar um dia á regalada, e já que me fizerão rancheiro, do pão de meu compadre grande fatia ao afilhado. Tambem só deste modo é que se pode aturar a insipidez do tal Jardim Botânico, tão gabado pelos suciantes ! Para mim confesso que não tem o menor af ractivo e mesmo fico aborrecido, quando aqui venho; mas os caprichos da Sra. D. Eufemia, exigirão que fosse hoje nelle a reunião, e como quem paga a despeza è o pato de Rodolpho, forçoso foi sugcitar-me (*olhando para dentro*), oh ! ahi vem ella.

SCENA III.

O MESMO E EUFEMIA.

EUFEMIA (*entrando.*)

Sr. Dr. Lafuerca, assim é que desempenha a missão de que o incubimos ?

LAFIERCA.

Como assim, minha nympha ?

EUFEMIA.

Fizemol-o rancheiro, e no entanto já são quasi 9 horas e nem signal de almoço ! Quer matar-nos à fome ? Se continua desse modo, leva uma demissão redonda.

LAFIERCA.

Não se affija, que todas as providencias já estão dadas, e não tardará a saciar a sua fome.

EUFEMIA.

Ora veremos como o senhor se saffa. Diga-me, prevenio ao dono do hotel, que eu queria vinho de champagne ? O senhor sabe, quanto eu sou por elle apaixonada. Não nos vá faltar depois, que será um desgosto.

LAFIERCA.

Deixe estar que nada faltará. Como tenho panno para mangas, estou cortando largo. O Sr. Rodolpho é moco de Erios e ainda tem muita lâ : pôde por lanto ser tosqueado à vontade (*riem-se ás gargalhadas*)

EUFEMIA.

Elle pelo que diz, e pelo que pratica, è um verdadeiro MONTE-CHRISTO.

LAFIERCA.

Sabe Deus quem o está pagando ; mas nós com isso não temos nada.

EUFEMIA.

De certo, os encargos são d'elle, e eu só quero as conveniências; porém diga-me, esse moço não é socio de uma grande casa do commercio ?

LAFUERCA.

Nada, é apenas guarda livros; porém tem sabido por tal modo engambellar o amo, que hoje e quem poem e dispoem de tudo, e o amo, que e já velho e doente, tem nelle tal confiança, que nada faz ou decide sem primeiro ouvi-lo.

EUFEMIA.

E donde veio esse moço? . . . E' filho daqui ?

LAFUERCA.

E', minha bella, é seu patricio, mas porque me faz essa pergunta ? Preferiria que fosse estrangeiro ?

EUFEMIA.

Não senhor, gosto muito que seja brasileiro, até porque em geral os brasileiros, quando lhes dá para ser generosos, toçãõ á prodigalidade.

LAFUERCA.

Muito apoiado, e isto e o que nós queremos, é uma e a mesma cousa.

SCENA IV.

OS MESMOS, PETRONILHO E CORTEZ.

PETRONILHO.

Aqui esta a bella fugitiva ! graças, que afinal a encontramos. Por onde tem andado, Sra. D. Eufemia, que á mais de uma hora a procuramos sem descubrir vestigios seus ?

EUFEMIA.

Estive passeando no Jardim.

CORTEZ.

No Jardim ? Isso não é possível. De lá viemos nós, e não a vimos. E para que melhor o acredite, aqui lhe trago este lindo ramalhete, com duas camelias, e uma bella magnolia.

EUFEMIA (*recebendo.*)

Obrigada ; do senhor é tambem sómente o que recebo, flôres e versos ; felizmente que inda hoje não invocou a musa, e tem-me dado ferias em artigo de poesia.

CORTEZ.

Mas como quer que assim não seja, se, ao vel-a, fíco todo abrazado, Apollo me empresta a lyra, encarrapito-me no cavallo Pegaso, e minha imaginação se accende ?

PEIRONILHO.

Pois aqui felizmente ha muita agua para apagar o incendio, nao deve temer que sua cabeça se reduza a cinzas.

CORTEZ.

Ora eis ahi está: agora mesmo improvisei um madrigal, que lh'o vou recitar; tenha a bondade de ouvi-lo

LAFUERCA.

Pelo amor de Deus, senhor! ouvir versos em jejum é o mesmo que almoçar peixe cosido.

EUFEMIA.

Deixe-o, deixe-o repetir, que nos ajudará a passar o tempo.

CORTEZ.

Ahi vai. . .

Se a rosa é bella,
Tem grato odor,
A'—rosa vences
Em brilho, em côr,
Mas qual da rosa
Curta fragrancia,
Assim perdura
Tua constancia.
Vive essa flôr
Sómente um dia,
Murcha e fenece
C'o a noite fria,
Eis o retrato
Do teu amor,
Que se aniquilla
Com teu rigor.

EUFEMIA (*ironicamente.*)

Lindo madrigal na verdade ! é uma tremenda accusação que o senhor me faz.

CORTEZ.

A' senhora não ; porém sómente aos seus rigores, que mofão, que desprezão os mais sentidos suspiros arrancados do fundo d'alma.

LAFUERCA.

Se lhe dá corda, está perdida ! quando lhe vem a mania de fazer versos, ninguém pôde com elle.

EUFEMIA.

Em todo o caso antes isso, que atirar pedras.

PETRONILHO.

Mas é que estamos a perder tempo, e são horas de almoçar.

EUFEMIA.

Ainda não nos chamarão, e além disso Rodolpho ainda não apparece : sem que elle esteja, não nos devemos pôr á mesa.

LAFUERCA.

Sou do seu voto, todas as honras ao rei da festa.

CORTEZ (*olhando para dentro.*)

Oh ! fallai no lobo, olhai para a porta. Ah! chega elle. E como parece vir contente !

LAFUERCA (*a Petronilho.*)

Nós lhe faremos a barba.

PETRONILHO.

E muito bem feita. E' um palhinho que custa pouco a depenar.

SCENA V.

O MESMOS E BRUNO (*com o nome de Rodolpho.*)

EUFEMIA (*correndo para elle abraçando-o.*)

Graças que em fim voltas-te ! Que horas crucis me fizeste passar com a tua auzencia ! Onde foste ? Não sabes que não posso estar um instante sem te ver ?

RODOLPHO (*com rizo de incredulidade.*)

Sei quanto te devo, bandoleira !

EUFEMIA.

Duvidas acaso de meu amor ? Ingrato ! é essa a recompensa que merecem meus extremos ? (*chora*) oh ! como sou infeliz ! Este homem que foi o primeiro a fazer palpitillar meu coração, por quem ardo na mais consumidora chama, não crê, ou finge não crêr nos meus protestos, só porque não me tem amizade ! Tomâra já morrer ! (*vai apartar-se chorando.*)

RODOLPHO (*hindo a ella.*)

Então que é isso ? . . . temos crôançadas ? Não vês que estou brincando ?

EUFEMIA (*sempre chorando.*)

Mas é que sempre seus brinquedos são para amofinar-me! (*levanta-se*). Tenho lhe dado algum motivo para supor-me bandoleira? Não tenho provado por todos os meios ao meu alcance, que o adoro? que mais deseja? o senhor, se falla, é de farto.

RODOLPHO.

Esta bom, vamos fazer as pazes: o que eu disse tambem não foi lá cousa tão grave, que não mereça desculpa. Venha a tua mão em signal de amizade. (*Eufemia recusa com gracioso enfado.*)

LAFUERCA (*a Eufemia.*)

Oh! ao peccador arrependido não se lhe nega misericordia.

PETRONILHO (*á mesma.*)

E' justo! é justo! basta o seu ar supplicante (*aponta para Rodolpho*) para ser deferido, como requer.

EUFEMIA.

Entim, não quero passar por má. Aqui eslá a minha mão: mas tome sentido, nada de injustiças para o futuro, que bem sabe, quanto sou a ellas sensível.

RODOLPHO (*apertando-lhe a mão e beijando.*)

Prometto emendar-me.

PETRONILHO.

Pois aqui felizmente ha muita agua para apagar o incendio, não deve temer que sua cabeça se reduza a cinzas.

CORTEZ.

Ora eis ahi está: agora mesmo improvisei um madrigal, que lh'o vou recitar ; tenha a bondade de ouvil-o.

LAFUERCA.

Pelo amor de Deus, senhor ! ouvir versos em jejum é o mesmo que almoçar peixe cosido.

EUFEMIA.

Deixe-o, deixe-o repetir, que nos ajudará a passar o tempo.

CORTEZ.

Ahi vai. . . .

Se a rosa é bella,
Tem grato odor,
A'—rosa vences
Em brilho, em côr,
Mas qual da rosa
Curta fragrancia,
Assim perdura
Tua constancia.
Vive essa flôr
Sómente um dia,
Murcha e fenece
C'o a noite fria,
Eis o retrato
Do teu amor,
Que se aniquilla
Com teu rigor.

EUFEMIA (*ironicamente.*)

Lindo madrigal na verdade ! é uma tremenda accusação que o senhor me faz.

CORTEZ.

A' senhora não ; porém somente aos seus rigores, que mofão, que desprezão os mais sentidos suspiros arrancados do fundo d'alma.

LAFUERCA.

Se lhe dá corda, está perdida ! quando lhe vem a mania de fazer versos, ninguém pôde com elle.

EUFEMIA.

Em todo o caso antes isso, que atirar pedras.

PETRONILHO.

Mas é que estamos a perder tempo, e são horas de almoçar.

EUFEMIA.

Ainda não nos chamarão, e além disso Rodolpho ainda não apparece : sem que elle esteja, não nos devemos pôr á mesa.

LAFUERCA.

Sou do seu voto, todas as honras ao rei da festa.

CORTEZ (*olhando para dentro.*)

Oh ! fallai no lobo, olhai para a porta. Ahi chega elle. E como parece vir contente !

LAFUERCA (*a Petronilho.*)

Nós lhe faremos a barba.

PETRONILHO.

E muito bem feita. E' um patinho que custa pouco a depenar.

SCENA V.

O MESMOS E BRUNO (*com o nome de Rodolpho.*)

EUFEMIA (*correndo para elle abraçando-o.*)

Graças que em fim voltas-te ! Que horas crucis me fizeste passar com a tua ausencia ! Onde foste ? Não sabes que não posso estar um instante sem te ver ?

RODOLPHO (*com riso de incredulidade.*)

Sei quanto te devo, bandoleira !

EUFEMIA.

Duvidas acaso de meu amor ? Ingrato ! é essa a recompensa que merecem meus extremos ? (*chora*) oh ! como sou infeliz ! Este homem que foi o primeiro a fazer palpitar meu coração, por quem ardo na mais consumidora chama, não crê, ou finge não crê nos meus protestos, só porque não me tem amizade ! Tomára já morrer ! (*vai apartar-se chorando*).

RODOLPHO (*hindo a ella.*)

Então que é isso ? . . . temos crianças ? Não vês que estou brincando ?

EUFEMIA (*sempre chorando.*)

Mas é que sempre seus brinquedos são para amofinar-me! (*levanta-se*). Tenho lhe dado algum motivo para supor-me bandoleira? Não tenho provado por todos os meios ao meu alcance, que o adoro? que mais deseja? o senhor, se falla, é de farto.

RODOLPHO.

Está bom, vamos fazer as pazes: o que eu disse tambem não foi lá cousa tão grave, que não mereça desculpa. Venha a tua mão em signal de amizade. (*Eufemia recusa com gracioso enfado.*)

LAFUERCA (*a Eufemia.*)

Oh! ao peccador arrependido não se lhe nega misericordia.

PI. TRONILHO (*á mesma.*)

E' justo! é justo! basta o seu ar supplicante (*aponta para Rodolpho*) para ser deferido, como requer.

EUFEMIA.

Emfim, não quero passar por má. Aqui está a minha mão: mas tome sentido, nada de injustiças para o futuro, que bem sabe, quanto sou a ellas sensivel.

RODOLPHO (*apertando-lhe a mão e beijando.*)

Prometto emendar-me.

CORTEZ.

O sol, que obscurecido
Por nuvens s'teve um instante,
De novo ao mundo se mostra
Inda mais claro e brilhante,
Serenou a tempestade
Que teu semblante affigia,
Voltou a paz a tua alma. . . .
Somos todos alegria !

PETRONILHO.

Bravo ! bravo ! muito bem dito ! (*Rodolpho dá o braço a Eufemia, e conversão passeando. Petronilho continua fallando a Lafuerca.*) Este Cortez não deixa de ter seu geito para a poesia.

LAFUERCA.

Se fosse esse o seu unico prestimo, bem arrumados estavamos !

PETRONILHO.

E' um ladino de concha ; vivo como o azogue !

LAFUERCA.

E esperto, como uma raposa. (*Retirão-se os tres para o fundo a conversar.*)

RODOLPHO.

Assim, assim é que te quero ver, sempre amavel e prazenteira : as tristezas são boas para os monges e não ha nada, que tire mais o appetite. Por fallar n'isto. . . que horas serão ? A modo que o almoço vai tardando ! (*vê as horas no relógio que tira do bolso*). Oito e meia ! o diabo do homem esqueceu-se de nós !

EUFEMIA (*olhando muito para o relógio*).

Ora vez nenhuma olho para teu relógio, que não me dê vontade de ter também um: vou ver, se posso ajuntar dinheiro para comprar aquelle, que vimos no outro dia em casa do Simonard. Que bonita leontina! reparaste?

RODOLPHO.

Reparei, mas deve ser muito caro, que é ornado de pedras e brilhantes.

EUFEMIA (*meia seria*.)

Não importa, senão poder ajuntar a somma necessaria, heide ter quem m'a empreste.

RODOLPHO (*com tom galhofeiro*.)

Não será preciso endividar-se. Póde desde já contar com o relógio.

EUFEMIA (*abraçando-o*.)

Oh! meu Rodolpho, és o melhor dos homens! Como heide ficar bonita com elle, quando sahir a cavallo! (*finjendo-se triste*), mas é verdade: á tres dias que fui tomar medida do amazona, e ainda não mandei o panno, por me faltar dinheiro! Diabo! não ha nada peor, do que a gente ser pobre. De que lhe serve ter bom gosto, se nunca o póde satisfazer?

RODOLPHO.

Tambem terás o amazona.

EUFEMIA (*fingindo modestia.*)

Não ! . . . isso é muita cousa e eu não quero abuzar de tua bondade; basta já o sacrificio do relógio : o amazona pôde esperar algum tempo, que tambem não è objecto de pressa.

RODOLPHO.

Já disse, que terás o amazona, e não retiro a minha palavra. Amanhã escolheremos o panne.

EUFEMIA (*cahindo-lhe nos braços.*)

Rodolpho, em toda a minha vida juro consagrar-te o mais constante e ardente amor !

SCENA VI.

OS MESMOS E JULIÃO.

JULIÃO (*da direita.*)

Meus senhores, quando quizerem, o almoço está na mesa.

RODOLPHO.

Pois vamos a isso, que já não vem cedo.

LAFUERCA.

E com o alegre e espumante champagne façamos mil saudes ao nosso bom e verdadeiro amigo ! (*aponta para Rodolpho.*)

PETRONILHO.

Acompanhadas dos hurrás do estilo.

CORTEZ.

E o tão grato licor,
Sangue de christo chamado,
Que de uvas foi formado,
Bebamos em seu louvor.

EUFEMIA.

Vamos, meu querido Rodolpho, e na mesa não te apartes do meu lado, (*dá-lhe o braço e vão-se*).

RODOLPHO.

Não, sempre junto a ti!

SCENA VII.

JULIÃO (*só, vindo para a scena.*)

Nos domingos e dias santos enche-se sempre a casa de tanta gente, que nem um cantinho me deixão para fazer as minhas contas, e sem ellas o negocio não pode andar bem. Ora vejamos (*pucha por uma pedra e um lapis, e põe-se a escrever*). Bites para cinco a 600 rs. por cabeça 3\$000 rs. (*fallando*) 600 rs. não é muito, por que a carne foi da melhor que havia no açougue monstro de S. Clemente; (*escrevendo*) quatro gallinhas, duas ensopadas, e duas assadas 8\$000 rs. (*fallando*). Este genero está muito caro, mas apesar disso não quero aproveitar-me da occasião, pois tenho consciencia (*escrevendo*). Lombo de porco, 5 libras a 480 2\$400 rs. Arroz, ervilhas, ovos, pão 6\$000

rs. Chá, café, e leite 2\$000 rs. Somma tudo 21\$400 rs. (*exclamando*). Isto é de graça! um almoco no Jardim por tão pouco! é menos que nada. E' ainda hade haver quem me chame careiro? Será uma injustiça. O vinho é conta áparte. Inda não sei quanto beberão; mas em todo o caso nunca andará por menos de duas botellas por cabeça. Vou já assentando esse numero, que se o não completarem, a culpa não será minha: se não o beberem, hebessem, que elleahi estava as ordens (*vai a sair*) ah! ia-me esquecendo! (*volta*.) E os cocheiros dos carros? Está bom, isto é conta redonda, que foi sempre o costume destas casas (*vai-se*).

SCENA VIII.

EMILIA (*só, vindo do fundo vestida de homem. Chega com passos vacilantes, e assenta-se quasi cahindo em um dos bancos do jardim. Depois de descansar algum tempo, arranca um profundo suspiro, levanta-se olhando com cautella para ambos os lados e a final, quando se acha na boea da scena, diz:*)

O corpo todo por tal forma me treme, que quasi nem posso dar mais um passo! graças ao menos, que cheguei ao termo, sem que algum incidente funesto me acontecesse. Por certo que a muito me arrisquei. Uma moça na minha idade, deixar os seus vestidos proprios para tomar os do sexo opposto, pelo menos da lugar a que se duvide de sua virtude; foi pois uma imprudencia que commetti, foi mesmo uma loucura! Oh! mas como continuar a viver nessa horrivel duvida, que me torturava a alma? Quiz por mim mesma desenganar-me, ver com os meus proprios olhos até que ponto chegava a infidelidade, ou antes a ingratição, desse homem, a quem tudo concedi. Quando comparo os grandes sacrificios que por elle fiz, com a maneira, porque hoje me trata, vejo que fem-se tornado credor de meus

1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20.

desprezos; mas a meu pezar sempre o amo, e o amor que por elle sinto é immenso! (*reflecte abaixando a cabeça*). Meu Deus, que terei eu feito para incorrer em seu desagrado? Feliz e tranquilla em casa de meu pai, onde alguns cavalheiros aspiravão a posse de minha mão, distinguí esse moço tímido e reservado, que com seus continuos olhares, e magoados suspiros, manifestava por mim a mais abazadora paixão. Conhecendo que meu pai de fórma alguma consentiria, em que eu desse a mão de espoza a um homem, simples caixeiro, sem nome, sem fortuna, e sem familia, clandestinamente unimos os nossos destinos. Em extases de amor vi rapidamente deslizar-se o primeiro tempo de meu consorcio, oh! mas como foi curta a sua duração! Rodolpho sob diferentes pretextos foi pouco a pouco evitando ver-me, e depois que pôde haver ás mãos tudo quanto de algum valor eu possuia, depoz completamente a mascara, e da mais perfeita indifferença passou ao mais insultante desprezo. Por algum tempo, ralada de pesares, attribuia seu proceder à falta de attractivos meus, e fazia tudo quanto a imaginação podia suggerir-me para chama-lo ao meu amor: porém o tempo, ou antes o demonio, rasgou o véo de todo o mysterio. Tomado de uma paixão louca por uma desprezível cortesã, que mercadeja os seus affectos, a quem mais lhe offerece, tem com ella consumido até o ultimo dos meus enfeites, e ainda não contente, deixa-me em horrivel luta com o inferno! Para surprehender o perfido em flagrante, foi que para aqui me dirigí. Esta carta (*tira uma carta do bolso*.) com quanto não esteja assignada, me assegura, que ambos passarão o dia neste jardim. Succeda pois o que succeder, daqui não sahirei sem conseguir os meus intentos (*olhando para a esquerda*). Ahi vem alguém, talvez seja da sucia, reliremo-nos, para por em quanto observarmos (*vai para o fundo*).

SCENA IX.

A MESMA E JULIÃO.

JULIÃO (*dadireita.*)

Eu tinha só calculado a 2 garrafas por cabeça, porém os taes sugêitinhos são melhores bebedores do que eu supunha. E a tal raparigueta? Façam-me o favor! Enchuga, que parece uma esponja! Não quer senão vinho de champagne, e apenas uma garrafa está em meio, vai logo pedindo outra. Nada, é preciso alterar a conta. Em vez de 8\$000 para o vinho, ponho 16 e ainda lhes faço obsequio.

EMILIA (*aparte.*)

E' sem duvida o dono do hotel, vejamos se elle me dá alguma informação (*alto aproximando-se.*) Bons dias, senhor.

JULIÃO.

Sou um seu humilde criado. Desejava alguma coisa?

EMILIA.

Como tenciono passar o dia no Jardim, e ainda não tenho pousada, ando vendo o hotel, em que devo ficar. Sou inimigo de barulhos, e por isso preferiria aquelle, onde houvesse menos gente.

JULIÃO.

Então, meu senhor, encontrou o que lhe convinha, e tudo, lhe sabiu ao pintar. Aqui tem quartos particulares, onde poderá estar só, e quanto ao passadio, em nenhuma outra

parte achará melhor e mais barato. Eu não sou como os meus collegas que se aproveitam da occasião para esfolar os freguezes, impingindo-lhes gato por lebre : nada, tenho consciencia, e por isso quem vem uma vez à minha casa, vem sempre.

EMILIA.

Não duvido ; mas eu desejava que o senhor, me informasse que gente esta hoje aqui.

JULIÃO.

Hoje pouca, contra o costume ; porém isto sem duvida é devido a grande escolha que faço dos meus hospedes. Não sou, como os meus collegas, que admittem a torto e a direito gente de pouco mais ou menos : pois o que querem é o maior numero. Eu ca ou bom ou nada. A' minha casa não vem senão pessoas capazes. D'essas vagabundas, que só andão a fazer desordens, não as quero eu. Antes prefiro não ter viv'alma.

EMILIA.

E n'essa pouca gente, que hoje aqui está, haverá alguma senhora ?

JULIÃO.

Uma unica; mas capasissima. E' casada, e veio em companhia de seu marido com alguns amigos. Se V. S. quizer vel-a, ella ali está ! Daqui pôde observar. (*Chegão-se ao bastidor da esquerda*).

EMILIA (*à parte observando*.)

E' elle ! não me enganarão ! (*vem para a scena*).

JULIÃO (*acompanhando-a.*)

Então já se certificou? já viu que lhe falei a verdade?

EMILIA (*procurando tranquilisar-se.*)

Sim, senhor.

JULIÃO

Agora, se quizer, podel-o-hei apresentar.

EMILIA.

Mais logo, mais logo; por enquanto estou gostando de estar neste sitio

JULIÃO.

Isso lá é como lhe parecer. Está em sua casa, e pôde dispor della. Eu vou dar algumas providencias, mas logo que precise de qualquer cousa, é mandar, que será promptamente obedecido. Com sua licença (*vai-se*).

EMILIA.

O senhor a tem.

SCENA X.

EMILIA (*só.*)

Não posso mais duvidar. Eu mesma acabo de vel-o ao lado dessa mulher, por quem elle me sacrifica. E por quem justo éo! por quem abandona elle uma consorte terna, fiel e extremosa? por uma despresivel cortesã, indigna e

perversa, cuja alma já está vendida ao demonio. Homens! homens! quão, injustos que sois! vós que tendes no centro de vossas familias os mais puros e innocentes prazeres, porque hil-os procurar no foco da corrupção e do crime? Julgae acaso, que essas, que vos acaricião, que em vossa presença fingem mil ternuras, são siaceras? oh! não accreditéis! os seus sorrizos, os seus suspiros, todos os seus discelos são falsos, são puros laços ao vosso dinheiro. Desde que vos ouverem empobrecido, desde que estejaes reduzidos a miseria, ellas vos abandonarão, nem mais quererão ver-vos: e no entanto é na adversidade, que mais se mostram as extremas consortes, é quando a mão da desgraça pesa sobre seus maridos, que ellas se ostentão fortes para ajudal-os, para ao menos mitigar-lhes a sua sorte! Rodolpho apaixonado por esta mulher, tem commettido as maiores imprudencias e desalinos, e quando de todo lhe faltarem os recursos, será capaz de commetter crimes para alimentar essa fatal paixão! Eu tudo devo tentar para arrancal-o do abysmo em que vai despenhar-se. Venhão embora seus desprezos, accarrete mesmo sobre a minha cabeça a maldição de meu pai, jámais faltarei aos deveres de espoza. . . . e de mãe. . . . pois que já sinto em minhas entranhas o fructo de nossa união (*vai assentar-se ao lado da scena*).

SCENA XI.

A MESMA E RODOLPHO.

RODOLPHO (*sem ver Emilia.*)

A nossa imaginação as vezes tem cousas muito bisarras! Ainda a pouco estando á mesa pareceu-me devisar por entre as arvores um individuo com o semblante de Emilia e tive tal susto, que todo o corpo involuntariamente me tremeu! mas isso quando assim fosse, que teria de extraordinario? Não ha tantas pessoas parecidas?

EMILIA (*levantando a cabeça*).

Rodolpho ! (*corre a elle*.)

RODOLPHO (*como petrificado*.)

Emilia !!! n'este lugar ! e com semelhante traje ! Que veio aqui fazer, senhora, sem minha ordem, e commetendo a imprudencia de vestir-se por semelhante modo ?

EMILIA.

Oh ! perdoa-me Rodolpho, mas o amor que te consagro, as continuas desconfianças em que vivo, a tudo me obrigão.

RODOLPHO.

E por tantas vezes não lhe tenho dito, que se deixe de taes desconfianças. . . d'esses estultos ciumes, que me desgostão ?

EMILIA.

Se a tua conducta ainda mais vem exacerba-los, agora mesmo . . . vi-te ao lado d'essa vil creatura, prodigalizando-lhe os carinhos que me roubas, prostituindo o amor, que me juraste em presença de Deus.

RODOLPHO.

E' falso, tudo è effeito de seu espirito exaltado. Estava almoçando em companhia de alguns amigos. E quer levar a sua tyrannia ao ponto de privar-me d'este innocente passatempo ?

EMILIA.

Oh ! Rodolpho, não te quero privar de nenhum prazer honesto ; mas pelo muito que te amo, procuro arrancarte da borda do despenhadeiro em que te vejo cahir. Infelizmente para mim teu proceder já não é um mysterio, tudo está descoberto.

RODOLPHO.

Isso quer dizer, que ando constantemente espiado, não é assim ? pois, senhora, saiba, que tudo isso me fatiga, me aborrece de morte. Eu, dando-lhe a minha mão, não me constitui seu escravo. De hoje em diante quero viver, como me aprouver e a senhora muito prudente será, senão se intrometter comigo.

EMILIA.

E e desta maneira que recompensas tudo quanto por ti hei feito ? o meu amor sem limites ? a minha cega dedicação ?

RODOLPHO.

Sempre a mesma ladainha ? Tem sido tantas vezes repetidas essas palavras, que já as sei de cõr e salteado.

EMILIA.

Rodolpho, e é esta a tua unica resposta ?

RODOLPHO.

Quer hoje, quer sempre. Por em quanto o salutar conselho que lhe dou, é que se retire immediatamente. Já lhe disse que tinha vindo com alguns amigos, e antes que elles para aqui se deitãõ, vã-se embora. Não quero que a vejão láõ ridiculamente vestida, compromettendo sua posição e a dignidade de senhora.

EMILIA.

Eu me retiro, porém vem comigo.

RODOLPHO.

Não posso, não heide deixar pessoas que vierão em
minha companhia.

EMILIA.

Mas é para seguir tua mulher... a mãe de teu filho.

RODOLPHO.

Não me torture mais a paciência; já lhe disse que não
vou: auzente-se, que elles ahí vem.

EMILIA.

Nesse caso daqui não saio, sou tua mulher, e ninguém
poderá disputar os meus direitos.

RODOLPHO.

Senhora, nada de excessos! retire-se, que assim lhe or-
deno, não me obrigue a lançar mão da força,

EMILIA (*levantando a voz.*)

Já disse que não, estou a tudo decidida. (*Rodolpho cor-
rendo a ella e tapando-lhe a bocca*). Calla-te desgraçada!
(*dá-lhe tão grande empurrão que Emilia, dando um grito,
vai cahir sobre um banco*).

SCENA XII.

OS MESMOS, EUFEMIA, LAFUERCA, PETRONILHO
E CORTEZ.

EUFEMIA.

Fel-a bonita, Sr. Rodolpho! pilha-me descuidada e safase. . . ! Oh! mas quem é aquelle novo amphitrião que aqui se apresenta? (*Emilia volta o rosto e cobre-o com um lenço.*) Bravo! está-se escondendo! como é vergonhoso!

RODOLPHO (*indo a ella e puchando-a.*)

Eufemia, deixa-o, é um moço, que por motivos não deseja ser conhecido, não o vexes. Vai passear enquanto o despeço. (*Eufemia olha attentamente para Emilia e Rodolpho chega-se a Emilia.*) Senhora retire-se, pela ultima vez lhe digo.

EUFEMIA.

Qual moço, nem meio moço! é uma mulher vestida de homem! bello! bello! temos baile mascarado! (*indo a ella*) Minha menina, seu misterio está sabido; agora, senhora D. Sancha, descubra o seu rosto que queremos ver-lhe a cara.

EMILIA (*a parte.*)

Oh! meu Deus!

RODOLPHO (*a parte.*)

Inferno!

EUFEMIA (*a Rodolpho.*)

E é d'esta maneira, traidor! que cumpres os teus protestos? é mandando vir, até em minha presença, as tuas amantes?

EMILIA (*levantando-se a Rodolpho.*)

Que horror! e sofres, Rodolpho, este ultraje?

EUFEMIA (*pondo o dedo na boca.*)

Sim, oh! minha pequena, nada de se fazer de Lucrecia comigo, porque não sou tão tola, como julga. O Sr. Rodolpho convidou-me para vir hoje ao Jardim e ao menos em quanto eu aqui estiver, não consentirei que se me arreme nhos atraz da orelha.

RODOLPHO (*baixo a Emilia.*)

Senhora, inda uma vez, ausente-se.

EMILIA (*baixo a Rodolpho.*)

E tu ficas?

RODOLPHO (*baixo a Emilia.*)

Faça o que lhe mando sem se embarçar comigo.

EUFEMIA (*puxando por elle.*)

Que conversinhas são essas? que desaforo em minha presença? Tire-se já d'ahi; e a senhora dos misterios, ponha-se quanto antes ao fresco. Minha rica, vá bater a outra porta, que quanto a esta, Deus a favoreça.

CORTEZ.

Acho que o melhor é, uma vez que veio, ficar fazendo parte da companhia, e como não é justo que uma tão bella dama ande isolada, eu serei o seu xixisbeu. Aqui está o meu braço, gentil deidade, disponha d'este coração, como do seu caxorrinho (*procura abraçal-a*).

RODOLPHO.

Para traz, Cortez, para traz, Esta moça veio procurar-me, e em quanto eu aqui estiver, não consentirei, que a insultem. Quem tocar em um só de seus cabellos, comigo se haverá.

EUFEMIA.

E então?! o que me dizem a esta? virão já maior escandalo? (*a Rodolpho*). O senhor pensa que hade brincar comigo? ou faça retirar esta mulher, ou eu vou-me já embora.

RODOLPHO.

Socega, Eufemia, socega, ella já se retira.

EMILIA.

Pois entre mim e esta creatura o senhor se decide por ella? (*com muita dignidade*). Basta, pude em enfim avaliar quanto era vil e baixo o seu caracter. Fique com o objecto da sua miseravel paixão; porém de hoje em diante acredite, que nada mais de commum existirá entre nos. Se um momento de alucinação pôde fazer com que me esquecesse do que a mim propria devia, em quanto viver procurarei reparar esta falta. Nunca mais me humilharei e a sua pessoa, quando por a caso se offerecer a meus olhos, só desafiará o meu mais soberano desprezo (*vai-se*).

EUFEMIA (*dando palmas.*)

Bravo! que tom theatral! que bella tragica se está ali perdendo! ... hu! hu! não hade cazar! (*a Rodolpho*). Mas o Sr. Rodolpho, sempre lhe quero dizer, é bem insolente! Foi para ser testemunha de suas infidelidades, que me convidou para o jardim?

LAFUERCA.

Ora não vê que essas scenas derão-se contra a sua vontade? para que o está apuquentando mais?

PETRONILHO.

A fallar a verdade isto depois do almoço não é nada bom para a digestão.

CORIEZ.

Antes fossemos jogar um lasquenel, ja que o sol esquenta, e não se pôde passear.

LAFUERCA.

Apoiado; Sra. D. Eufemia, deixe seus arrufos para outra vez. Venha jogar, e arrumando-lhe uma porção de doubles, melhor assim se vingará delle.

EUFEMIA.

Isto é um monstro, que não merece o amor, que lhe tenho.

RODOLPHO.

Mas tu não ves que não sou culpado?

EUFEMIA.

Adeus senhor, de cantigas estou farta !

LAUFERCA.

Dê-lhe o braço e vamos para a mesa.

EUFEMIA.

Emfim, quebra^{re} por mim, Vamos, vamos meu Faublas, e tomara que perea bastante, que só assim me vingarei, *(toma-lhe a braço)*.

LAUFERCA.

Muito bem; é uma vingança nobre, e digna de quem a exerce ! *(rão-se todos)*.



o

o
n
o
v

RC

qu
he
co
alg
este
din
pos
con
dia
a e
do
fina
nã
que
Vei
elle
e p
alg



ACTO II.

O Theatro representa uma sala com moveis, e no centro uma mesa redonda, onde ha uma campainha. Entrada geral pela esquerda. Portas para o interior á direita. No fundo ha uma divisáo ou uma balaustrada, fingindo um escriptorio mercantil.

SCENA I.

RODOLPHO *so, sahindo do escriptorio com um papel.*

E' inconcebivel ! em menos de dous mezes um conto e quatrocentos mil réis !! Onde irá isto parar ? Essa mulher é um sorvedouro horrivel, que jámais se satisfaz com cousa alguma ! Como dei ordem á modista para fiar della alguns objectos, aproveitou-se da occasião, e abusou por este modo ! (*batendo no papel*). Já não sei onde ir buscar dinheiro para satisfazer seus caprichos! Tudo, quanto Emilia possuia de algum valor, está vendido, e o meu alcance para com a caixa é já tal, que em breve se dará por elle. O diabo da franceza, ao entregar-me a conta, veio logo com a cantilena do costume, isto é, que era vespera da partida do paquete, que linha de remetter fundos para Paris, e que finalmente queria que eu hoje mesmo lhe pagasse. Caso não o faça, é capaz de produzir algum escandalo, e isto é o que de tudo mais receio. Em quanto o Sr. Ferreira da Veiga estiver de boa fé, poder-me-hei aguentar ; mas se elle chega a descobrir o meu procedimento, ficarei perdido, e perdido para sempre. Se ao menos em caixa houvessem algumas sommas tudo eslava arranjado ; porém o

que havia, tenho quasi gasto, e as transacções da casa estando suspensas, o pouco que se apura, mal chega para o costeiro. Inferno ! não sei como tirar-me deste aperto !

SCENA II.

O MESMO E LAFUERCA.

LAFUERCA (*entrando da direita.*)

Isto é que é ser amigo: como passei por aqui, não quiz deixar de vir saber noticias tuas. Então, dize-me, hontem depois que sahi, mudou o vento ? Quando me retirei, ainda estavas caipóra, como o diabo !

RODOLPHO.

Continuei na mesma, sempre infeliz até ao fim. Perdi quanto levava, e demais fiquei devendo tresentos mil reis ao Petronilho.

LAFUERCA.

Tens andado com uma macacão horrivel !

RODOLPHO.

Por isso estou resolvido a não jogar mais. Não ganho nunca, e perco sempre ! Não posso com isto, nem mesmo houvera dinheiro que chegue. Esta noite despedi-me, e hei de cumprir a minha palavra.

LAFUERCA.

Não sejas tolo. Não vês que o jogo é como a maré, que tem enchentes e vazantes ! Estás agora na despapadeira,

mas hade vir o teu S. Martinho. E' procurar a desforra. e quando ella despontar, aproveitá-la.

RODOLPHO.

Mas, se a experiencia me tem convencido de que sou infeliz, para que teimar? é ser imprudente. Ha muito tempo que jogo, e nunca tive um lucro, que equivallesse aos prejuizos. Perco dez vezes para ganhar uma; e quando ganho, não é nem a centesima parte do que perco. Deste modo não ha fortuna, que possa resistir, e alem disso já nao tenho, de que fazer dinheiro.

LAFERCA.

Ora estás brincando: pois quem se acha à testa de uma casa como esta, pôde jamais sentir falta de pecunia?

RODOLPHO.

A casa suspendeu as suas transacções, e está agora em liquidação; porque o Sr. Ferreira da Veiga quer retirar-se do commercio: por tanto não pôde ter capitaes disponíveis.

LAFERCA.

Dado o caso que assim seja, o marido da filha unica de tão rico negociante terá receio de não achar, quem lhe adiante as sommas que quizer? Rodolpho, não me sejas acanhado, e sobretudo lembra-te de que tens um amigo, como eu. Se eu fôsse rico e pudesse dispôr de alguns fundos, eslavas immediatamente servido; porém ainda assim tenho conhecimentos proveitosos... Teu sogro está velho e doente, pouco deve viver, porque não fazes algumas transacções sobre o que te hade vir a locar? Segundo me tens dito, elle fez já testamento e reconheceu a filha, hoje tua mulher, nenhuma difficuldade pois existe para que negociéis parte do teu haver futuro. Conheço uma pessoa, que mediante algum lucro, se prestará a isso.

RODOLPHO.

Eu sei, Lafuerca ? . . . Tenho tanto medo dessas transacções

LAFUERCA.

Não vejo motivo. Preferes antes soffrer necessidades e passar uma vida de Monge ? Deixa-te de escrupulos : faze o que te digo, e sobretudo não cesses de jogar, afim de obteres a desforra. Olha que é muito duro perder a gente o seu dinheiro e ficar depois com cara d'asno. Jogando sempre, que um dia o diabo sahirá detraz da porta.

RODOLPHO.

E crês então, que acharei quem me empreste alguma quantia sobre a minha herança futura ?

LAFUERCA.

Eu tenho um amigo, que costuma fazer esses arranjos, mas olha, que elle é um tanto uzurario.

RODOLPHO.

E hade querer prevalecer-se da occasião ; está visto.

LAFUERCA.

Tambem nas tuas circumstancias, parece, que não debes olhar para bagatellas. Se quizeres, vou já fallar-lhe, e voltarei em breve a dar-te a resposta.

RODOLPHO.

Pois sim vai, já que não tenho outro meio de tirar-me do embaraço.

LAFUERCA.

Então até breve, (*aparte*). Meu plano vai-se realisando. Em pouco tempo estarei senhor d'esta fortuna.

SCENA III.

RODOLPHO (*só.*)

Vou metter-me em novo laberinto. Estes senhores, que negocião em comprar heranças, são pela maior parte grandes espertalhões, que dão um, pelo que vale cem, mas o que heide agora fazer, se não tenho outro remedio? Quem se expõem a amar, expõem-se a padecer, e hoje devo infalivelmente pagar esta conta, e mandar os 300.000 a Petronillo, do contrario ficarei desconceituado. As dividas de jogo são sagradas, e é de honra, que sejam pagas dentro de 24 horas.

SCENA IV.

O MESMO E GONÇALO (*a porta da direita.*)

GONÇALO.

Seja louvado nosso senhor Jezus Christo. Meu senhor devoto, dá uma esmola a um pobre cego pelo amor de Deus?

RODOLPHO (*a si.*)

Esta voz! esta figura! será uma illuzão? será um sonho? (*considera-o por algum tempo.*)

GONÇALO (*depois de alguma pausa.*)

Meu senhor devoto, umia esmola á um pobre cego pelo amor de Deus ?

RODOLPHO (*a si.*)

Não é possível ! . . . não poderia estar tão velho ! . . . alguma semelhança, e nada mais.

GONÇALO.

Ninguem me ouve ? . . . paciencia ! seja tudo pelo amor de Deus . . . irei bater a outra porta (*vai-se retirando.*)

RODOLPHO.

E porque não desenganar-me ? Quando fosse o proprio, cego como está, não poderia conhecer-me ! (*gritando*). Espere, meu irmão (*Rodolpho procura sempre contra fazer a voz*) espere, que já vai ser favorecido.

GONÇALO (*voltando e vindo para a scena.*)

Deus lhe dé saude, meu devoto.

RODOLPHO.

Parece-me que o estou conhecendo ?

GONÇALO.

Pôde ser. Ha tantos annos que vivo n'esta cidade . . .

RODOLPHO.

E ha muito tempo que é cego ?

GONÇALO.

Não, meu senhor, ha apenas 2 annos. Foi quando estava

na Correção a cumprir uma sentença, que este mal horri-
vel me acommetteu.

RODOLPHO.

A cumprir uma sentença? pois perpetrou algum crime?

GONÇALO (*com orgulho.*)

Nunca perpetrei, nem jámais seria capaz de perpetrar.

RODOLPHO.

E então como foi condemnado?

GONÇALO.

Por um erro da justiça. Um compradre, e vizinho meu
tinha-me confiado em deposito certa quantia de dinheiro.
Em quanto eu dormia, roubarão-me, e por mais que eu
jurasse, por mais que protestasse a minha innocencia, os
Tribunaes não me quizerão attender; as apparencias depu-
nhão contra mim, e fui sentenciado a 2 annos de prisão com
trabalho na Casa de Correção.

RODOLPHO.

E nunca pôde descobrir quem foi o ladrão?

GONÇALO.

Desgraçadamente sube, quem elle era

RODOLPHO.

E porque não declarou seu nome?

GONÇALO (*afflicto.*)

Porque? oh! ha mysterios no coração do homem, que

não se devem aprofundar. O ladrão, meu senhor, foi tal, que antes proferi soffrer a pena injusta, que me reduzio ao estado de cegueira, em que me acho, do que declarar seu nome. Mas não fallemos mais n'isso. A nossa alma tem cordas, que o melhor é não tocar nellas. Pesso-lhe pelo amor de Deus que me socorra com alguma esmola afim de aliviar os males da minha infeliz companheira, que jaz entrevada em uma cama, desde que sahi da prisão, sem ter nem para o simples necessario.

RODOLPHO *(a parte.)*

E' elle! já não posso duvidar! *(alto)*. Meu velho, aqui está o que ora posso dar-lhe *(dá-lhe um punhado de dinheiro)*.

GONÇALO *(ajoelhando-se.)*

Oh ! alma generosa ! permitta que a seus pés cubra de lagrimas a sua mão benéfica *(Rodolpho impede-o)*.

RODOLPHO *(caindo e traindo-se.)*

Que faz senhor ? que faz meu.....?

GONÇALO *(recuando.)*

Grande Deus ! que som veio ferir os meus ouvidos ! será uma tentação do demonio ? não. . . não ; tudo é effeito da minha imaginação enfraquecida.

RODOLPHO *(voltando a si e contra fazendo de novo a voz.)*

Que tem, bom velho ? soffre alguma cousa ?

GONÇALO.

Não soffro nada. Foi um delirio passageiro ! uma semelhança que me perturbou. Ah ! Bruno, inda que criminoso, quão grato me seria apertar-te antes da minha morte em

meus braços ! Apesar de tudo és meu filho, e sempre sou teu Pai. Senhor a esmola, que acaba de fazer-me, só encontrara recompensa no Céu: com ella vou aliviar os males da minha companheira de infortunio, e ambos não cessaremos de rogar a Deus, para que o faça feliz (*vai-se precipitadamente*).

SCENA V.

RODOLPHO (*só, depois de pensar.*)

Meu Pai accusado por ladrão, cego e esmolando de porta em porta o mesquinho sustento!!! minha mãe entevada em uma cama, privada do mais simples necessario, e eu, que fui de tudo causa, engolfado nos mais criminosos praseres, sem ao menos consagrar-lhe um pensamento de saudade!!! oh ! que monstro que sou ! monstro de nova especie, labêu da humanidade ! E ainda haverá quem diga, que ha brutos mais ferozes, do que sejam os homens? O tigre por mais sedento, que esteja de sangue, respeita os da sua especie; o leão defende e protege os seus, e o homem, cobarde, cava a ruina e amiseria dos proprios, que o ser lhe derão ! ! Sou um malvado cheio de crimes, e não mais devo cobrir-me com vestes da honestidade ! Eu me aboreço ! a mim proprio odeio ! e o mundo verá com espanto a punição que me imponho. Corro a lançar-me aos pés desse desventurado velho, confessar-lhe tudo, e expirar de arrependimento e vergonha nos braços de minha infeliz mãe! (*vai sair e encontra Lafuerca*).

SCENA VI.

O MESMO E LAFUERCA (*da direita.*)

LAFUERCA (*segurando-o e fazendo-o voltar.*)

Que é isto ? onde vais tão desatinado ?

RODOLPHO.

Deixa-me, não me detenhas, não me tomes o passo!

LAFUERCA,

Que te deixe, quando estás lóra de ti? Isso não farei eu: sou teu amigo, e portanto tenho o direito de saber, o que te allige, e valer-le no que poder.

RODOLPHO.

Acabo de ver meu pai.

LAFUERCA.

E o que tem isso de extraordinario?

RODOLPHO.

Oh! elle está cego, e reduzido à ultima miseria!

LAFUERCA.

E queres restituir-lhe a vista?

RODOLPHO.

Não; mas como eu fui a causa de todos os seus males, quero lancar-me a seus pés, confessar-lhe os meus crimes, depois expirar de vergonha.

LAFUERCA.

Asneira no caso, e asneira rematada. Se elle está cego, e pobre, com dizes, o que te cumpre agora fazer, é aliviar, no que for possível, seus sofrimentos. Mas dares-te a conhecer, pores-te com scenas de lagrimas e arrependimen-

tos, é augmentar o damno do velho, sem dahi colher o menor proveito.

RODOLPHO.

E minha mãe, que entrevada em uma cama, chora de continuo a minha ausencia? A minha vista contribuiria para mitigar as suas dores.

LAFUERCA.

Tambem não lhe irias dar melhoras: antes ignorando ella onde existes, podes occultamente fazer-lhe beneficios, que lhe serão muito mais proveitosos. Escuta-me, Rodolpho, escuta-me com attenção. Tu és ainda muito rapaz, e estás com o sangue na guelra; por isso não reflectes nas cousas, como eu, que já tenho grande experiencia do mundo. Teu pai acha-se cego e miseravel, tua mãe está doente. Em tal estado necessitão ambos de soccorros, e estes não são possiveis sem que haja dinheiro. Se te deres a conhecer, não poderás mais continuar a existir nesta casa, tudo se descobrirá, e em um momento, além de te perderes, ver-te-has sem meios para valer a quem desejas ser util. Assim deixa-te de eriançadas, guarda o incognito, e de vez em quando envia a esses infelizes, o que te ditar a tua generosidade filial. Se quizeres, eu mesmo me comprometto a ser o portador.

RODOLPHO.

Não, elles chorão a perda de um filho, e só a minha presença os alegrará

LAFUERCA.

Engano, erro crassissimo. Não duvido, de que nos primeiros momentos a tua appareção lhes cause algum prazer, mas passados elles sempre te hão de encarar como o moel de todas as suas desditas, e tu terás de continuo diante

dos oinos um remorso vivo. O melhor é, como já disse, mandar-lhes alguma cousa occultamente, e dar-lhes sempre esperanças de que um dia ainda te apertarão em seus braços. O bem que se deseja, é sempre mais estimado, que o possuido. Vamos, deixa-te dessas frioleiras, e convence-te, do que te digo; socega, que eu procurarei arranjar o negocio da melhor fórma.

RODOLPHO.

Entao, amigo, já que assim me aconselhas, busca-os, e quando estiveres com elles, pinta-lhes todo o meu arrependimento, descreve-lhes a dôr, que me atormenta, por haveres feito desgraçados, nada omittas, que só assim ficarei tranquillo.

LAFUERCA.

O que heide fazer, bem sei, deixa tudo por minha conta, e verás que não has de ter razão de queixa.

RODOLPHO (*pegando-lhe na mão.*)

Mais este favor te deverei.

LAFUERCA.

Bem, bem, deixemos os cumprimentos para depois, e agora voltemos ao nosso negocio.

RODOLPHO. (*admirado.*)

Que negocio ? !

LAFUERCA.

Parece-me que estás hoje com memoria de galo.

RODOLPHO.

Apresença e o estado de meu infeliz pai perturbarão-me de modo, que não sou senhor da cabeça.

LAFUERCA.

Pois então não te lembres mais disso, e para distrahir-te vamos cuidar do emprestimo. O sugcito, a quem fui fallar, está prompto, mas quer que além de letras, lhe passes uma hypotheca.

Assim arranjemol-a quanto antes, para ainda hoje receberes o dinheiro.

RODOLPHO.

Letras ? hypothecas ! o que virá a ser de mim ?

LAFUERCA.

Adeos ! temos novas esitações ? Olha, que és uma criança perfeita ! Vamos concluir isto, para depois irmos jantar a casa de Eufemia.

RODOLPHO (*colérico.*)

Dessa mulher, que tem sido o meu demonio tentador ? toda a minha perdição ? Não, não volto a sua casa e nem quero mais vel-a.

LAFUERCA (*coçando a cabeça.*)

Agora vens com outra cantilena ! . . Que diabo te fez ella para chamares-lhe demonio. ? Por ventura não corresponde aos teus affectos ? não te é fiel ? Rodolpho, não sejas injusto para com quem tanto te estima. Lembra-te ao menos que D. Eufemia recusou por tua causa a mão daquelle rico Succo, que era muito bom casamento.

RODOLPHO.

Mas para satisfazer seus caprichos é que tenho cavado a minha ruína.

LAFUERCA.

Não se comem trufas a bragas enxutas, e o que é bom custa caro. Anda, meu eriancola, vem tratar do que é mais urgente, e depois veremos o que se hade fazer. Olha, que és peor do que um menino rabujento !. Agora queres uma cousa, daqui a pouco queres outra !

Não sei o que seria de ti, se eu não estivesse sempre a teu lado para guarte e valerte com os meus conselhos!

RODOLPHO.

Oh ! sim, tu és meu amigo verdadeiro : és a minha providencia. Pois bem, vamos *(abraça-o e vão ambos para o escriptorio)*

SCENA VII.

FERREIRA DA VEIGA E EMILIA *(ambos do lado esquerdo.)*

EMILIA *(como querendo reter a Veiga.)*

Meu pai, por ora não dê ordem alguma. Conceda-me ao menos dous mezes de espera. E' tudo quanto lhe peço: findo esse prazo cegamente obdecerei ao seu mandato.

FERREIRA DA VEIGA *(assentando-se.)*

Não te concedo nem duas semanas, pois vejo que a recusa de tua parte é um capricho sem fundamento. Porque motivo dilatar por mais tempo um consorcio á tanto projectado ? Teu primo é um excellente partido. Moço e bello,

chegado a pouco de Hamburgo, onde concluiu á sua educação, está no caso de fazer a tua ventura. Eu estou velho e doente; de um momento para o outro posso ser chamado a dar contas a Deus: assim quero ler todos os meus negócios arranjados. Tenho pois decidido que depois de amanhã te recebas, e a minha vontade hade ser cumprida.

EMILIA.

Mas, senhor, isto é uma sem razão ! nem ao menos consentir n'uma simples espera ?

FERREIRA DA VEIGA.

E para que ? que lucrarias com ella ? Acaso não conheces de sobejo o caracter, costumes, e familia do que te destino para esposo ?

EMILIA.

Porém chegado á tão pouco tempo, meu coração ainda não se habituou a amal-o, e me parece que sem isso, não devo entregar-lhe a minha mão.

FERREIRA DA VEIGA.

Asneiras ! frivolidades ! Não ha precizão de amor para fazer-se um casamento vantajoso. A maior parte dos que eu tenho visto, fizeram-se por convenção ; e depois com o costume, foi que apparecerão as ternuras. Se os pais fossem a attender a semelhantes bagatellas, em tal caso só darião suas filhas a esses pelímetros e namoradores de profissão, que com seus versos e palavrinhas estudadas escaldão e virão as cabeças das moças.

EMILIA.

Porém esses argumentos não me podem ser applicados. Já não sou uma menina, a quem com facilidade se engana,

e tenho idade para ponderar o que me convém : se immediatamente não subscrevo aos seus desejos, é por que não me pude ainda decidir por meu primo.

FERREIRA DA VEIGA.

E' com o que eu pouco ou nada me embaraço. Como essa união me apraz, é quanto basta.

EMILIA.

E eu heide ser uma victima immolada a meros calculos, sem se attender aos sentimentos de minha alma ?

FERREIRA DA VEIGA.

Serás o que quizeres, com tanto que me obedecas.

EMILIA.

Senhor, isso é uma tyrannia, e me parece que a desobediencia em tal caso não pôde ser um crime.

FERREIRA DA VEIGA.

E pretenderás por ventura contrariar-me ?

EMILIA.

Tento simplesmente commovel-o com meus rogos.

FERREIRA DA VEIGA.

Serão inúteis : uma vez convencido da utilidade de uma acção, eu a pratico, sejam depois quaes forem seus resultados. Assim o unico partido que te cumpre tomar, é resignar-te, e mais não me tomares o tempo com escusados rogos. Deixa-me, vai para dentro, que preciso de dar algumas providencias, e mesmo esta sala não é lugar proprio, onde estejas.

EMILIA.

Será inexoravel, meu pai?

FERREIRA DA VEIGA.

Neste assumpto serei.

EMILIA (*com muita solemnidade.*)

Bem, então já sei o que devo fazer (*retira-se.*)

SCENA VIII.

FERREIRA DA VEIGA (*só.*)

Eis o fructo da leitura dos folhetins, e novellas! ficam com o juizo estragado e depois supporem-se grandes heroínas! (*Jeranta-se*). Ora vejam que parvoice! amor em casamento! Não se dá maior loucura! como se elle fosse quem dêsse de comer e educasse os filhos! Nada, eu cá estou pela antiga, os pais são os que devém procurar os estabelecimentos das lilhas, sem attender as suas lamurias. Logo que apparece um rapaz com alguma cousa, arranjado e trabalhador, é segural-o, porque n'este tempo são raros. Naturalmente não gosta do primo, porque não e destes de andarem a fazer misuras e de assoviar, quando fallão, mas como me agrada elle, é quanto basta. Vou dar as providencias necessarias para que o casamento se faça quanto antes (*toca uma campainha e apparece Rodolpho.*)

SCENA IX.

O MESMO E RODOLPHO.

FERREIRA DA VEIGA.

Sr. Rodolpho, daquelle dinheiro que mandei reservar, tire 4 contos, e va a loja de Mr. Brandet, buscar os brilhantes que lá comprei. Não se demore muito, que ainda tenho de incumbil-o de outras commissões. Caso minha filha depois d'amanhã, e todo o tempo é pouco para os arranjos.

RODOLPHO (*surprehendido, mas disfarçando.*)

Pois a Sra. D. Emilia toma estado ?

FERREIRA DA VEIGA.

Sim, casa com o primo de quem sou tutor, que e um excellente partido. O rapaz e um tanto macambuzio, não e d'estes muito dados a bailes e a divertimentos, porem hade ser um excellente marido e agenciador da vida; pelo menos não hade deitar tóra, o que seu pai lhe deixou.

RODOLPHO.

E será elle do gosto de D.Emilia? (*sorrindo-se.*) Parece-me que n'estes negocios sempre se deve consultar a vontade dos contraheentes.

FERREIRA DA VEIGA.

E' com o que menos me embaraço. Emilia sabe que é filha natural, e que se a reconheci em testamento, foi para que se realisassem as minhas vistas. Se não quizer fazer-me a vontade (o que não creio, por que é boa filha) pouco me custa a romper o testamento, e enlão depois avenha-se como quizer; mas estamos a perder tempo,

que já não temos de sobra. Vá, vá onde o mandei, e não se esqueça de levar o dinheiro, pois o ourives vendeu-me as jóias por menos preço com a condição de ser a compra a vista. Volte breve.

RODOLPHO.

Vou cumprir as suas ordens (*retira-se para o escriptorio.*)

SCENA X.

FERREIRA DA VEIGÁ (so.)

Agora vou fazer a lista dos outros objectos que me são indispensaveis. Enquanto não ver este negocio concluído, não posso estar descaneado. (*Vai para a esquerda.*)

SCENA XI.

RODOLPHO E LAFUERCA (*sahindo do escriptorio.*)

RODOLPHO.

Quando a roda começa a desandar, tudo vai de mal a peor. O Sr. Veiga quer casar com o primo a minha propria mulher, e ordena-me, que lhe va buscar uns brillhantes, que comprou na importancia de 4 contos. Não sei como me haver. Do dinheiro com que elle conta, já quasi nada existe, e para impedir tal casamento seria necessario declarar-lhe tudo, e então ficaria eu arruinado para sempre, que é capaz de romper o testamento, e assim desherdar a filha.

LAFUERCA.

Na verdade achas-te collocado em circumstancias bem

criticas ! mas a grandes males, grandes remedios. Com vagar e tempo acharia-mos dinheiro para a compra dos brilhantes, porém assim de repente não é facil. O que fazer pois ? o unico recurso é o que te vou propor. Existe aqui uma sociedade de passadores de bilhetes falsos, e muita gente boa anda mettida nella. Vem comigo : eu te apresentarei ao seu chefe, e em um momento obteras aquantia de que necessitas.

RODOLPHO.

E com que condições ?

LAFUERCA.

Essa é boa ! com a condição de seres um dos passadores.

RODOLPHO *(recuando)*

Eu passador de notas falsas ? E se for descoberto ? se me prenderem ?

LAFUERCA.

Não tenhas receio. Os bilhetes são tão bem feitos, que até alguns já tem sido recebidos nas Estações publicas. Talvez para o futuro se venha a descobrir, mas por agora é impossível ; assim, meu amigo, nos apertos em que estás, não enxergo outro expediente : é ter coragem, e andar para diante.

RODOLPHO.

Porém vencido este obstaculo, ainda resta o outro, que é o casamento de Emilia.

LAFUERCA.

Como ainda temos dous dias, pensarem no caso :

agora com o que te deves importar unicamente é com a compra dos brilhantes, afim de que o patrão não descubra o desfalque da caixa. Por tanto amigo, animo, e não recuar.

RODOLPHO (*suspirando.*)

Não sei em que acabará tudo isto !

LAFUERCA.

Acabe no que acabar. Deixa-te de reflexões, que quem não quer ser lobo, não lhe veste a pelle. (*aparte*) O tal Maricas está sempre prompto para toda a casta de patifarias, mas quer revestir-se de certo ar de honestidade. Para cá vem elle bem !

RODOLPHO (*resoluto.*)

Emfim ! que se cumpra o meu destino. Vamos.

LAFUERCA.

Ora graças, que deste um puxo ! Dá-me o braço, e partamos (*cão ambos ; caba o panno.*)



C

F

ci
e
y
te

fa

n
n



ACTO III.

O Theatro representa a mesma vista do 2.º acto.

SCENA I.

RODOLPHO (*assentado junto á mesa com o rosto encostado na mão esquerda, e LAFUERCA entrando pela direita.*)

LAFUERCA.

Então vamos, ou não vamos? como arranjaste o negocio com o ourives, já não te lembras do outro! Sempre te conheci assim, só chamas por Santa Barbara, quando ouves ronear trovoadas, e o futuro nunca te encommoda. Já tens o dinheiro para a franceza?

RODOLPHO (*levantando-se.*)

Ainda não.

LAFUERCA.

E porque não vais ter com o sujeito a quem fallei, para fazer o emprestimo mediante a hypotheca?

RODOLPHO.

Porque Emilia mandou-me dizer que me queria fallar nesta sala, estava á sua espera; depois então é que tencionava ir á casa desse homem.

LAFUERCA.

Tua mulher quer-te fallar ? que diabo pretenderá ella comtigo ?

RODOLPHO.

Naturalmente resar-me uma de suas ladainhas do costume.

LAFUERCA (*reflectindo.*)

Penso que não. E' de crer, que venha combinar nos meios para tirar-se dos apertos em que o pai a tem posto. Se assim fôr, faze tudo por persuadil-a, de que ainda a adoras, e que não podes viver sem ella.

RODOLPHO.

E para que ? com que fim este embuste ? Ella não me acreditaria.

LAFUERCA.

Estás redondamente enganado. As mulheres facilmente acreditão aquillo que querem, e como o que ellas querem, é sempre ser adoradas, em qualquer lh'ô confessando, sera com certeza acreditado.

RODOLPHO.

Mas ainda assim, o que eu lucraria ?

LAFUERCA.

Tu não vês que tua mulher é uma dessas creaturas romanticas, que será capaz de tudo para salvar a sua honra ? Se não a lebares com geito, destempêra, irá dizer tudo ao pai, e é isso o que por fórma nenhuma nos convém. O pai,

casmurro do tempo antigo, sem mais cerimonia romperia o testamento, e com elle roto, ficaríamos bonitos na verdade ! !

RODOLPHO.

E pensas tu, que minha mulher, agastada como está comigo, se deixará persuadir ? Não o esperes Só se por meio da força. . .

LAFUERCA.

Qual força ? não farias nada. Rodolpho, o bom modo vence tudo, e não é com desatinos, que ninguem se convince. Faze o que te digo ; nessa conferencia, que vais ter com tua mulher, desmancha-te em protestos e em ternuras ; agora mesmo, ou linge chorar de arrependimento por havel-a offendido, representa enfim uma comedia ; mas esforça-te por ganhar tempo, afim de que nada o pai descubra. O velho está doente (*com hypocrisia*), e quem sabe se de um momento para outro será chamado á gosar da bemaventurança aos justos promettida ? Diz o ditado, — que de ora em ora Deus melhora—. Alcança que tua mulher, convencida por teus rogos e juramentos, entretenha o pai sem lhe declarar o mysterio, e eu me incumbirei do resto. Tenho um grande plano na cabeça, que depois t'o communicarei, quando for occasião.

RODOLPHO.

E porque não já ? Parece-me, que, se é cousa que me diz respeito, deveria ser eu o primeiro consultado.

LAFUERCA.

Não, que nada com isso adiantaríamos, e demais, sinto passos, e é sem duvida tua mulher, que para aqui se encaminha. Recommendo-te de novo que tenhas para com ella todas as attenções, do contrario é muito capaz de es-

tragar o negocio. Eu por segurança vou ali esperar no escriptorio, depois me contarás o que se houver passado (*olhando para dentro*). E' ella mesmo ! eu me retiro : sentido, faze o que te disse (*vai correndo para o escriptorio*).

SCENA II.

RODOLPHO E EMILIA.

EMILIA (*vindo da esquerda e á porta.*)

Estamos sós ?

RODOLPHO.

Inteiramente sós.

EMILIA.

Poderá perder comigo alguns momentos ?

RODOLPHO (*indo-a buscar.*)

Perder momentos, senhora ? Diga antes gozar venturas, de que á tanto tempo estou privado.

EMILIA.

Nem o procurei para ouvir os seus galanteios, nem estou disposta a suportar suas ironias: só um motivo muito serio e muito urgente me obrigaria a dar este passo ; revista-se, se é possível, de alguma seriedade, e escute-me.

RODOLPHO.

Oh ! querida Emilia, para que fallar-me n'este tom austero, que me golpea a alma ! Por desgraça minha ter-se-ha apagado em teu coração a ultima centelha de piedade ? Ah ! se assim é, quanto sou infeliz ! que, conhecendo-me indigno de teu amor, appellava ao menos para a tua compaixão.

EMILIA.

Já lhe disse, senhor, que o tempo urgia, deixe-se portanto de palavras sem significação, e ouça-me.

RODOLPHO.

Eu te escuto e, se é a minha sentença, que vens ditar, como réo convicto a ella me resignarei.

EMILIA.

Não se trata de sentença, nem de sua pessoa, trata-se unicamente de mim. O senhor sabe, que havendo ligado secretamente a minha sorte á sua, pela certeza que tinha, de que meu pai jámais consentia em tal união, dous mezes depois comecei a sentir todos os symptomas de maternidade, que de dia em dia tem ido sempre em augmento. Hoje já com muita difficuldade posso occultar aos olhos do mundo o meu estado, e de um momento para outro meu pai o virá a descobrir. Demais julgando-me elle livre, e procurando em tudo fazer a minha fortuna, tem determinado cazar-me com meu primo, e para isso tem tomado todas as necessarias providencias. Por mais que lhe haja rogado para conceder-me ao menos uma dilação, a nada tem querido attender, e depois d'amanha é o dia marcado para a cerimonia. N'esta conjunctura só me resta um meio ; é declarar-lhe toda a verdade. Sei que vou atrahir sobre a minha cabeça a sua ira, e talvez a sua maldição ; porém

ao menos minha honra ficará salva. Nesse intuito venho pedir-lhe, que me entregue a certidão, que attesta o nesso casamento para melhor convenceo-o, visto que o sacerdote, que nos uniu, já não existe, e eu não conheço as testemunhas que forão presentes ao acto.

RODOLPHO.

Emilia, tudo quanto acabas de referir-me, já para mim não é segredo. Teu proprio pai encarregou-se de revelar-me esse projectado consorcio dando-me até para elle certas incumbencias. Sei tambem, (e o prazer por isso me inunda a alma) que trazes em tuas entranhas o fructo de meu primeiro amor; que por isso é indispensavel que quanto antes tomemos uma resolução para impedir as vistas de teu pai; mas o expediente, que propões, nos seria fatalissimo. Tu não és filha legitima (perdoar não digo isto para te offender). És filha natural, e por uma legislação moderna, os filhos naturaes não tem direito ás heranças, quando não são reconhecidos por escriptura, ou testamento.

EMILIA.

E que faz isto ao caso ?

RODOLPHO.

Muito. Teu pai é bom homem, não ha duvida ; porém é caprichoso, e colerico. Vendo-se desobedecido, e falhos os seus planos, por vingança romperia o testamento, onde sei, que estás declarada por sua filha, e deixar-te-hia assim pobre, luctando com todos os horrores da miseria.

EMILIA.

E que me importão as riquezas nas minhas circumstancias ? O que fao sómente pretendo, senhor, é salvar a minha honra, é explicar de um modo digno, e legitimo, o meu estado : tudo o mais para mim é de pouca valia

RODOLPHO,

Convenho em que a honra esteja em primeiro lugar ; porém quando com ella se podem conciliar todos os outros interesses, não vejo razão para que d'outro modo se pratique. Ah ! Emilia quanto sinto haver-te offendido, e desconceituado-me em teu animo ! (*suspira com hypocrisia*) do contrario communicar-te-lia minhas idéas, e talvez que sem recorreres a extremos, nos podessemos tirar dos embaraços com que lutamos.

EMILIA (*como querendo interromper.*)

Não vejo mais recurso além da declaração da verdade.

RODOLPHO.

Mas com essa váis reduzirte à miseria e cercar de privações o nosso innocente filho. (*Emilia suspira abaixa a cabeça e fica pensativa, e Rodolpho notando isto continúa á parte*). Fêri o ponto essencial, devo caminhar por ahí sempre (*alto*). Se eu fui um perverso, que arrastado, por uma diabolica paixão, desconheci os altos favores, que me havias concedido e desprezei o teu amor, amor de um anjo, cuja perda hoje faz o meu maior tormento, que ao menos não soffra esse innocente, que nenhuma culpa teve nos delitos de seu Pai ! Sim, Emilia já nem por mim, nem por ti mesmo te rogo que renunciéis a intenção de declarar o nosso casamento, e por essa terna creatura gerada em tuas entranhas, que agora te supplico : se nós podemos dar-lhe um futuro e assegurar-lhe uma sorte feliz ; porque hir privá-lo, mesmo antes de nascer, d'aquillo que faria a sua maior ventura ? Ah ! Emilia é para os teus sentimentos de mãe, que agora appello. Se fores deserdada por teu pai, nosso filho nascerá pobre, eu nada lenho para dar-lhe além das lagrimas, que de continuo derramo por te haver ultrajado, e tu mesma, fraca mulher, sem experiencia do mundo, que poderias fazer em seu beneficio ? Oh por amor

d'esse innocente continua a occultar tudo a teu pai, até que chegue o tempo em que, não só a elle, como a todo o mundo possamos fazer patente nossa união.

EMILIA.

Senhor, creio que não me comprehendeu, ou que se delecta em augmentar o meu marlirio. Já não lhe disse, que o casamento com meu primo estava marcado para depois d'amanha ? Como me aconselha o esperar ?

RODOLPHO.

Temos ainda 2 dias, 48 horas, e n'esse prazo podem-se operar muitos phenomenos.

EMILIA.

Mas se ao menos quizesse dizer-me quaes são os seus intentos atim de tranquilizar-me ?

RODOLPHO.

Para ser franco confessar-te-hei, que ainda não tenho resolução tomada, mas amanhã eu me decidirei. Ao menos ate amanhã deixa que as cousas se conservem no estado em que se achão. Duvidas prometter m'ò, Emilia ?

EMILIA (*depois de alguma ezitação.*)

Os movimentos, que sinto em minhas entranhas, tem n'esta occasiao muita força ; foi em nome de meu filho que o senhor me fallou, e é em nome d'elle que lhe concedo o que me pede. Esperarei ainda ; porem em ultimo resultado confessarei a meu Pai toda a verdade.

RODOLPHO.

Sim, senão fôr possível conciliar a honra com o interesse, que triumphe a primeira, embora com detrimento do segundo.

EMILIA.

Amanhã de novo o buscarei para saber o que tem decidido. Até lá prometto silencio.

RODOLPHO.

E nem uma simples expressão de amizade para mim, para teu desventurado espozó, que chora com lagrimas de sangue por te haver offendido?

• EMILIA (*depois de olhar para elle.*)

Até amanhã, senhor (*vai-se.*)

RODOLPHO (*só.*)

Lafuerca finha razão, e bem fiz em seguir seus conselhos. Já está muito mais branda, e parece-me, que continuando com o mesmo systema, alcançarei d'ella o que quizer.

SCENA III.

(O MESMO E LAFUERCA.

LAFUERCA.

Então? que te disse eu? foi manga como um cordeirinho.

RODOLPHO.

E como o sabes ?

LAFUERCA.

Estive observando tudo do Escriptorio. E' desenganar, as armas proprias para combater o sexo feminino, são suspiros, lamentos, lagrimas, ternuras, etc., a isso nenhuma resiste, porque é proprio de sua natureza.

RODOLPHO.

Mas ella só prometteu-me calar-se até a manhã.

LAFUERCA.

E até amanhã dir-te-hei o que cumpre fazer. Vamos por agora buscar o dinheiro de que precisas, que o homem está a nossa espera.

RODOLPHO.

Pois sim, vamos. Demora-te aqui em quanto vou ao escriptorio buscar o chapéu (*vai-se.*)

LAFUERCA.

Não tardes.

SCENA IV.

LAFUERCA (*só.*)

Diabo! tem me custado bastante a segurar o bicho, mas creio que afinal vou conseguil-o. O que eu quero é que elle assigne a hypothecca, que depois lhe farei as contas.

SCENA V.

O MESMO I. O OURIVES BRANDET.

BRANDET.

Póde-me fazer o favor de dizer, se o Guarda livros do Sr. Veiga está em casa ?

LAFUERCA.

Sim, Senhor, o que lhe queria ?

BRANDET.

Tenho com elle um particular.

LAFUERCA.

Nesse caso espere um instante, que elle já vem.

SCENA VI.

OS MESMOS E RODOLPHO.

RODOLPHO (*vendo o ourives.*)

(*A parte.*) Este homem aqui ! (*a Lafuerca baixo.*) E' o ourives a quem comprei os brilhantes. (*Alto ao ourives*) Desejava alguma cousa, senhor. . . ?

BRANDET.

Desejava dar-lhe duas palavras em segredo.

RODOLPHO.

Pois pode fallar.

BRANDET.

Mas o senhor . . . (*apontando para Lafuerca.*)

RODOLPHO.

Não tenha receio, este senhor é meu amigo, e para com elle nunca tenho reserva ; diga pois o que pretende.

BRANDET.

Pois bem, já que assim me ordena. . . . (*puxa d'algi-beira um maço de bilhetes e diz com muita humildade.*) Estes bilhetes, que o senhor hoje me entregou, parece-me não serem muito bons, e por isso, se quizesse ter a bondade de trocal-os por outros ?

LAFUERCA.

Trocal-os por outros ? O senhor não sabe que é uso mercantil o examinar-se o dinheiro na occasião de ser recebido, e que depois a nenhuma reclamação se attende ? Como é que deixou passar tantas horas, e que depois vem dizendo, que os bilhetes não são bons ?

BRANDET.

O nome do comprador, e o conceito que esta casa me merecia, fizeram com que eu não os examinasse ; mas quando fui com elles fazer um pagamento, recusarão-m'os, e então foi sómente que reconheci serem falsos.

LAFUERCA.

Falsos ? E como prova o senhor que é este mesmo o dinheiro, que d'aquí lhe foi ?

BRANDET.

Tenho testemunhas, que me virão recebê-lo, guardal-o tal e qual, e so lançar mão delle, quando tive de pagar uma letra.

RODOLPHO (*baixo a Lafuerca.*)

Estou perdido !

LAFUERCA (*baixo a Rodolpho*)

Animo ! (*Alto ao ouvires.*) Pois bem ; que subão as suas testemunhas, que venhão em nossa presença asseverar que é esse o proprio dinheiro, que immediatamente se lhe dará outro.

BRANDET.

Eu vim só, julgando que bastaria a minha palavra, mas ja que ella não é sufficiente, vou buscar essas pessoas, e em breve voltarei (*quer sair*).

LAFUERCA.

(*A' parte.*) Veio só ? (*Alto.*) Espere, não é preciso, nem valle a pena fazer motim por semelhante bagatella. O dinheiro é bom ; porém uma vez que o senhor o recusa, dar-se-lhe-ha outro. (*Pega no braço de Rodolpho, aparta-o para o lado da scena e diz-lhe em voz baixa um segredo no ouvido.*)

RODOLPHO (*tendo um choque.*)

Ah !

LAFUERCA.

Anda, vai satisfazer o capricho do senhor, e já que não tem fé em bilhetes, faz-lhe o pagamento em ouro.

RODOLPHO (*estatico ainda.*)

Lafuerca, isso nunca ! não posso !

BRANDET (*sem entender a Rodolpho.*)

Pois meu senhor, eu julguei que lhe fazia um obsequio vindo arranjar este negocio amigavelmente ; mas já que não quer assim, marchou d'aqui para o chefe de policia, e com elle então o senhor se haverá.

RODOLPHO.

Ao chefe de policia ?

LAFUERCA (*a Rodolpho.*)

Decide-te, não ezites, não ha outro remedio (*ao ourives*). Venha, senhor, venha ao escriptorio receber outra moeda (*pega no braço de Rodolpho, e quasi o arrasta para o escriptorio, o ourives o segue. A penas os tres entrão Lafuerca fecha a porta dando volta a chave*).

SCENA VII.

EUFEMIA, PETRONILHO E CORTEZ. (*Todos tres entrão com muita cautella.*)

EUFEMIA (*depois de olhar para todos os lados.*)

E esta ? não ha pessoa alguma ! Que diabo de Escriptorio é este, em que não ha viva alma ?

PETRONILHO.

Talvez fossem para a Praça negociar acções.

CORTEZ.

Que é negocio que tem dado camiza a muita gente.

PETRONILHO.

E a outros tem tirado.

EUFEMIA.

Pode ser que Rodolpho esteja doente, e foi para desenganar-me que aqui vim. Ha tres dias que elle não me apparece, e não posso explicar a sua auzença por outra maneira. Tenho pedido aos senhores que indaguem d'elle ; mas os senhores nao tem feito caso do meu pedido.

PETRONILHO.

Como não fazer caso ? A senhora sabe perfeitamente que em quanto não se ducidio aquelle negocio com o sub-delegado da minha freguezia, eu não podia apparecer, porém ainda assim incumbi a Cortez, que fosse saber d'elle, e que lhe dêsse a resposta.

EUFEMIA.

Inda mais a Cortez ! Este aulhomato só tem prestimo para fazer versos.

PETRONILHO.

E para mais alguma cousa (*faz signal de quem furta*).

CORTEZ.

Eu vim aqui tres vezes; mas nunca o encontrei.

EUFEMIA.

E' pois necessario que hoje lhe falle. Diabo ! porém ninguem apparece ! Estou quasi batendo, que achão ?

PETRONILHO.

E se vier o dono da casa, que lhe dirá ?

EUFEMIA.

Essa é boa ! dir-lhe-hei que quero fallar ao seu Guarda livros.

CORTEZ.

Rodolpho não hade gostar, porque em geral os caixeiros não gostão, que os patrões saibão dos seus conhecimentos.

PETRONILHO.

O melhor é ter paciencia, e voltar outra vez: talvez que então o encontre.

EUFEMIA.

Diabo ! inda mais esta ! Ando feita criada do Sr. Rodolpho ! mas protesto que elle me pagará bem caro. (*N'este momento ouvem-se gritos suffocados do lado do escriptorio.*)

PETRONILHO.

Que gritos serão estes ? Parece de gente que está morrendo !

CORTEZ.

Seja o que fôr, o mais prudente é por-mo-nos ao fresco.

PETRONILHO

Apoiado, pôde ser algum crime e nas nossas circumstancias não nos convém mettermo-nos em taes negocios. Vamos, Eufemia, sañemo-nos d'este sitio.

EI FEMIA.

Ora eu tinha curiosidade de saber o que era.

CORTEZ.

Ha curiosidades, que custão caro :nem mais um instante nos demoremos aqui, vamos (*vão todos correndo.*)

SCENA VIII.

LAFUERCA E RODOLPHO (*sahindo do escriptorio.*)

RODOLPHO (*levando as mãos ao semblante, cahe assentado, palido, tremulo e com os cabellos eriçados.*)

Assassino ! para onde fugirei ?

LAFUERCA (*apparecendo.*)

Para o inferno, já que não tens coragem ! Levanta-te e vem providenciar a esconder-se o cadaver.

RODOLPHO (*levantando-se automaticamente e seguindo Lafuerca como que arrastado.*)

Tu serás a minha perdição ! (*Lafuerca encolhe os hombros em signal de desprezo e entram ambos para o escriptorio.*)





ACTO IV.

A mesma decorações do 2.º e 3.º Acto.

SCENA I.

O MEDICO E RODOLPHO (*a conversar.*)

MEDICO.

O choque foi terrivel ! e é muito para admirar que em sua idade, e debil como se achava, não houvesse succumbido ! Felizmente porém todos os sinthomas assustadores desapparecerão, e quasi que pôde ser considerado em via de convalescença. O negocio em abono da verdade não era para menos. Um homem, que por espaço de alguns 50 annos gosou sempre da melhor reputação e de um nome sem mancha, ver n'um momento sua casa cercada e invadida pela policia por suspeita de um assassinato ! Era para fazer perder a cabeça !

RODOLPHO.

Eu não sei o que poderia dar lugar a essa deligencia policial ; porque aqui nada occorreu que a autorizasse.

MEDICO.

O que ouvi dizer foi, que um ourives francez tendo vendido umas joias para a filha do Sr, Veiga, aqui viera afim

de desfazer certas duvidas, e que desaparecêra, sem que ninguém o visse mais sair. Ora tendo denuncia a Policia d'esse incidente tratou de dar logo uma busca, e a primeira casa para onde se derigiu, foi esta.

RODOLPHO.

Mas conheceu a falsidade ?

MEDICO.

Julgo que sim: ao menos não tenho ouvido dizer mais nada.

RODOLPHO.

E nem hade ouvir, porque é cousa que não tem o menor fundamento. Se o ourives desapareceu, que temos nós com isso ? Procurem-no a ver se o achão. Talvez que alcançado em dividas, fugisse ou mesmo se suicidasse, que é ámanha que hoje esta muito em moda.

MEDICO.

Pode ser, e o que fór a seu tempo soará. Como estas cousas não me dizem respeito, pouco as indago, trato apenas de ver os meus doentes, que é o que mais me interessa. Assim pois como o Sr. Veiga está agora soegado, aproveito a occasião e vou visitar ainda alguns enfermos. Pelo meio dia pouco mais ou menos tornarei *(faz uma cortezia e vai-se.)*

RODOLPHO. *(acompanhando-o).*

Até logo, Sr. Doutor.

SCENA II.

RODOLPHO (*só.*)

Não sei o que sinto, e o que em mim se passa, que cada homem, que vejo, parece-me um beleguim para prender-me ! Depois d'esse fatal assassinato, que commetti obrigado por Lafuerca, nem um só momento mais gozei de repouzo ! qualquer grito, o mais pequeno som me assusta, e durante mesmo o somno me accomtellem horriveis pesadellos, onde só vejo, sangue, mortes e cadafalsos. Ah ! quanto não daria eu para livrar-me deste estado? A Policia apezar de alé agora nada ter descoberto, nem por isso descanca, e pode de um momento para outro tudo descobrir.

Eelizmente que o crime passou-se entre mim e Lafuerca, ninguem mais o sabe, e Lafuerca é incapaz de trahir-me.

SCENA III.

O MESMO E PETRONILHO

PETRONILHO (*entrando.*)

Ora enfim que te encontrei. Tenho-te procurado por varias vezes e nunca te acho. Por onde tens andado, que não tens apparecido ?

RODOLPHO.

Cuidando dos negocios da casa que está em liquidação.

PETRONILHO.

Mas não te sobra nem um instante para consagral-o aos amigos ?

RODOLPHO (*com frieza.*)

Não, todo o tempo é pouco, por isso dize o que pretendes; que tenho de saber, e não me posso demorar.

PETRONILHO.

Isso traduz-se em bom portuguez, que me vá embora, que estou sendo importuno, não é assim? Pois Sr. Rodolpho saiba, que o que me trouxe aqui, forão mesmo negocios seus.

RODOLPHO. (*com indifferença.*)

Ignoro-os, mas se assim é, podes dizel-os.

PETRONILHO.

Em vista da sua fria recepção, o que eu devia fazer, era ir-me embora sem mais me importar com cousa alguma; mas quero pela minha parte mostrar, que sou bom amigo (*aproxima-se*). Sabes que aquelle diabo de Cortez sempre foi um tratante, em quem nunca a gente se pôde fiar. Vindo aqui em um dos dias passados ouviu gritos no Escriptorio, e soube depois que se dera uma busca n'esta casa por motivo de um Francez que desaparecera. Ora pretende elle, que os gritos forão do tal Francez, e queria ir isso mesmo denunciar á Policia com a esperanza de alguma paga. Eu logo que elle manifestou tal projecto, quiz matal-o, porém elle poz-se a fazer tal alarido, que reciei despertar a vizinhança. Estou certo de que és innocente; mas achava, que, se com alguma quantia podesses fazer calar esse diabo, melhor seria.

RODOLPHO (*procurando disfarçar.*)

Tudo quanto me contas, não pássa de uma fabula, para obter-se algum dinheiro. Nem Cortez ouviu taes gritos; porque não os houverão, nem me importa, que me denuncie á Policia, pois ella reconhecerá a minha innocencia.

PETRONILHO.

Convenho ; mas no entanto, com pouco que lhe desses, podias evitar maillos encommodos, tanto mais que elle pretende saber, onde existe o cadaver do francez, que foi enterrado para as bandas do Cajú. (*Rodolpho treme e fica palido,*) (*aparte*) não me enganarão !

RODOLPHO (*reflectindo.*)

Sim, para evitar encommodos, vale apena fazer-se alguns sacrificio ; mas quanto quererá elle para deixar-me em paz ?

PETRONILHO.

Fallou-me em 200,000.

RODOLPHO.

200,000! ! Estás gracejando! Quando mesmo eu fosse crimonezo, não daria tal quanlia, quanto mais não o sendo. Dize a Cortez, que busque outro meio de vida, que por este não arranja nada.

PETRONILHO.

Bem, eu vou dar-lhe o recado, e desde já lavo as mãos do que poder acontecer. Em teu lugar não estava com essas bagatellas, porque o diabo foi saber elle que compraste as joias ao ourives, e que lhe pagaste em bilhetes falsos, circumstancias estas que podem depór muito contra-ti.

RODOLPHO.

Isso é uma mentira, é uma calunnia infernal !

PETRONILHO.

Está bom, está bom, não fallemos mais nisso, e uma vez que tua consciencia está tranquilla, nada debes receiar. Vai-me embora, adeos, no passo que dei, só tive em vista fazer-te algum serviço (*vai-se retirando de vagar.*)

RÓDOLPHO (*aparte.*)

Sabe de tudo e se me denunciar, serei convencido. Não ha outro recurso senão comprar o seu silencio (*alto*). Petronilho!

PETRONILHO (*roltando.*)

Que me queres?

RÓDOLPHO.

Eu não temo que esse infame Cortez me vá denunciar, porque achando-me izento de culpa, qualquer procedimento da justiça apenas serviria para mostrar o seu caracter perverso; com tudo tendo muito soffrido o Sr. Ferreira da Veiga com a busca, que se deu em sua casa, apon-tos de correr risco a sua vida, não quero, que elle tenha mais desgostos, e seja ainda eu encommodado. Vou buscar a quantia, que esse malvado exige, mas assegura-lhe que será á ultima, e que nunca mais me appareça.

PETRONILHO.

Sim, tambem de hoje em diante as nossas relações ficarão cortadas. O procedimento, que elle teve, foi de um miseravel, que o torna indigno de minha amizade.

RÓDOLPHO.

Demora-te um instante em quanto vou ao escriptorio (*vai-se.*)

PETRONILHO.

Vai, que eu te espero

SCENA IV.

PETRONILHO *(só.)*

Descobri uua califórnia, e posso agora dizer, que tenho a vida ganha sem trabalhar. Por ora servir-me-hei do nome de Cortez, depois será do meu proprio. Em quanto tiver sangue não o deixarei, e só a peso de oiro conseguirá que me cale.

SCENA V.

O MESMO E RODOLPHO.

RODOLPHO.

Aqui tens, entrega a esse denunciante. Eslimarei que lhe seja muito util este dinheiro *(dá-lhe um bilhete.)*

PETRONILHO *(recebendo o dinheiro.)*

Vou já d'aqui mesmo procural-o, e fica certo de que para contigo farei officios de bom amigo. Até outra vez.

SCENA VI.

RODOLPHO *(s.)*

Já o meu crime não é um segredo, que mais de uma pessoa o sabe! e a minha liberdade, a minha vida achão-se

a descripção de mercenarios, capazes de vender-me por qualquer preço ! O que devo agora fazer ? para onde fugir ? onde esconder-me ? De um instante para outro posso ser prezo e uma sentença uma condemnação a forca talvez ! . . . eis o que me espera ! Oh ! fataes consequências de uma primeira falta ! E Lafuerca ? que é o meu unico amigo, com quem posso contar, sem apparecer para aconselhar-me !

SCENA VII.

O MESMO E CORTEZ.

CORTEZ (*entrando muito apressado.*)

Rodolpho, Rodolpho, não ha um momento a perder : se prezas a tua liberdade, se tens amor á vida, apressa-te em salvá-la.

RODOLPHO.

Indigno, ainda ousas apparecer a meus olhos, depois da acção que comigo acabas de praticar ?

CORTEZ.

Eu ! não sei do que me fallas.

RODOLPHO.

De nada te vale a hypocrésia, homem detestavel ! busca a Petronillo, que elle ja tem a quantia, porque comprei o teu silencio.

CORTEZ.

Quantia ? . . . Petronillo ? Asseguro-te que não te entendo. Pois Petronillo ja esteve hoje contigo ?

RODOLPHO (*com ironia.*)

Tua ignorancia é bem cabida! Ente desprezível, vil denunciante, vai ter com elle, para entregar-te o ouro que me extorquiste.

CORTEZ.

O ouro que te extorqui? (*A' parte*). Ah! que o patife foi mais esperto do que eu! mas não importa: não ficarei de peor partido (*alto*). Rodolpho, acredita-me, se quizeres, põem juramento pela vida de meu pai, que não te mandei pedir cousa alguma, antes eu, pela amizade que te consagro, venho prevenir-te, de que elle sabe que assassinaste o francez dos brilhantes; que vio mesmo a scena passada depois entre ti e Lafuerca, e que portanto é indispensavel dar-lhe algum dinheiro para que não falle, pois tenciona denunciar-te á policia, certo de receber della algum premio.

RODOLPHO.

(*A' parte*). O mesmo jogo! a mesma intriga! Oh! em que inferno estou mettido! Agora descoberto, elles tem sobre mim toda a vantagem. Forçoso é sugerir-me ás suas exigencias (*alto*). Pois bem! Não percamos tempo, que já sei os seus intentos. Diga, diga depressa quanto quer, e livre-me quanto antes de sua presença.

CORTEZ (*com ares de hypocrisia.*)

Para mim nada exijo, o que peço é para Petrozilho, afim de não comprometter-te.

RODOLPHO.

Seja para quem fór. Diga a quantia, e acabemos com isto

CORTEZ.

Eu sei ? Parece-me que elle com menos de trezentos mil réis não se contentará.

RODOLPHO.

Já não possuo em moeda nem real ; tudo quanto me restava, dei a Petronillo ; mas aqui tem o meu relógio, que vale muito mais. Leve-o (*dá-lhe o relógio*), e deixe-me para sempre.

CORTEZ (*recebendo o relógio.*)

O que sinto, é o persuadires-te de que isto são cousas minhas ; mas o mundo é mesmo assim. Ficas ainda mal comigo, porque te quiz fazer bem ! A seu tempo me farás justiça (*vai-se*).

SCENA VIII.

RODOLPHO (*só, apontando para Cortez que se vai.*)

Eis a gente com quem tenho vivido ! eis os amigos de que me tenho cercado ! protervos ! cínicos ! para quem só o ouro é tudo ! Inferno ! o que devo fazer, para tirar-me de tão horrível posição ? Sinto tal desespero dentro em mim, que se o proprio Salanaz, agora me apparecesse, eu lhe votaria corpo e alma para sahir de tão cruéis tranzes ! (*cahe em uma cadeira e tapa os olhos.*)

SCENA IX.

O MESMO e LAFUERCA.

LAFUERCA (*entrando de vagar.*)

(*A parte.*) As duas sangrias o debilitarão, mas eu venho dar-lhe algum conforto (*batendo-lhe no hombro*). Que e isto, Rodolpho, estás tão abatido?

RODOLPHO (*como despertando.*)

Ah! és tu? sejas bem vindo! Necessitava mesmo de um amigo, com quem me pudesse desabafar!

LAFUERCA.

Pois aqui estou, e em tudo quanto te poder prestar, conta comigo.

RODOLPHO.

Conheço a tua sinceridade, e é por isso que nella me confiarei. De certo que não procederás comigo, como acabão de fazer Petronilho e Cortez, dous infames! dous traidores! . . .

LAFUERCA.

Oh! essa gente é uma canalha, á quem ha muito dei de mão! mas o que te fizerão elles? algumas das suas costumadas, sem duvida! Conta-me tudo, que sempre e bom saber.

RODOLPHO.

Eu lo direi, porem não aqui, que podemos ser surprehendidos vamos para o escriptorio.

LAFUERCA.

Pois vamos, dispõe de mim a teu bel prazer (*vão ambos e fechão-se no escriptorio.*)

SCENA X.

EMILIA (*só vindo da esquerda*).

Meu pobre pai felizmente está salvo! Deus, ouvindo os meus rogos, ainda se dignou conceder-lhe mais dias de existencia, porém não me tem sido possível d'elle conseguir, que mude de projecto acerca de meu casamento com o seu sobrinho, e parece que depois do ataque ainda está mais pertinaz em leval-o a effeito. Rodolpho me assegurou que tinha um meio infalivel de evitar essa desgraça, e aqui venho afim de que m'o communique... mas não o vejo!... (*olhando para o escriptorio*), e creio mesmo que sabiu, porque o escriptorio está fechado! este homem, que tanto mal me fez, que com tanta ingratição pagou os meus extremos, ainda tem imperio em minha alma, e se o arrependimento, que protesta, fosse sincero?... se ainda me amasse?... eu tornaria a ser feliz; que apezar de todos os esforços que tenho feito para banil-o de meu pensamento, sinto por elle um amor profundo, (*chega á porta da esquerda e olha para dentro, depois voltando continua*). Meu pai dorme tranquillo, e eu esperarei pela volta de Rodolpho: quero emlim saber quaes são os seus designios (*assenta-se junto á mesa*).

SCENA XI:

AMESMA, RODOLPHO e LAFUERCA. (*sahindo do escriptorio*).

LAFUERCA (*a Rodolpho*).

Ali está ella ! a occasião não póde ser mais favoravel !
aproveita -a: aqui tens o vidro (*dá-lhe um frasco*). Corajem !
e um momento bastará para salvar-te. Eu espero aqui
mesmo (*retira-se efica espiando*).

RODOLPHO (*tomando o frasco e guardando-o*)

(*Aparte*). Não sei por onde começar ? (*aproxima-se de Emilia*). Emilia !

EMILIA (*levantando-se*).

Estava a sua espera, senhor : como prometeu disser-me o que cumpria fazer, afim de evitar o casamento, que meu pai projecta.

RODOLPHO

Teu Pai ! é um tyranno, que quer desligar duas almas unidas pela religião, e ao menos uma pelo amor.

EMILIA

Meu Pai não tem o dom de advinhar, julga-me livre, e nessa creença executa, o que suppoem fazer a minha felicidade.

RODOLPHO.

Algumas vezes os pais são bem encommodos, e se o acaso ou o destino nos livrasse d'elles? seria uma felicidade.

EMILIA.

Senhor, não quero ouvir nem uma só expressão a tal respeito. Se a natureza lhe negou sentimentos de filho, se não ama e não respeita o autor de seus dias, eu estou prompta a dar a vida pelo meu, e jámais consentirei que em minha presença se profirão palavras, que o possam nem de leve offender.

RODOLPHO.

Emilia, é preciso deixar-mo-nos de discussões, que nem mesmo nos sobra tempo para ellas. Não te pretendo illudir, eu buscar rodeios, antes vou expôr-te as nossas circumstancias em toda a sua clareza. Acha-mo-nos sobre um vulcão, que é preciso transpol-o, ou sermos por elle tragados. A vida do teu pai é incompativel com a nossa ventura, e se o diabo para flagelar-me, quiz salvá-o. . . . da nossa parte. . . .

EMILIA.

Emudeça, senhor, não continue, que parece-me já descobrir o infernal fim de suas palavras.

RODOLPHO.

Ao contrario, é indispensavel que eu conclua, e que se effectue o meu projecto. Seduzido por teus encantos, apaixonado pela tua belleza, sem attender aos poucos meios de que dispunha, sem olhar para o futuro, sem consullar a vontade de teu pai, declarei-te o meu amor, e sendo minha declaração por ti bem recebida, cazamo-nos secretamente confiando que o tempo veria em nosso auxilio, e que teu

pai talvez com a idade abrandaria o seu genio precipitado e impetuoso. Assim vivemos até que eu, dominado por uma diabolica paixão, deixei-me por ella arrastar cauzando-te os mais crueis desgostos. Quando a razão me voltou, quando arrependido do que fizera, procurava de novo conquistar tuas boas graças, eis que teu pai, como um espectro sahido dos abysmos, se levanta para servir de obstaculo á nossa mutua felicidade. Se não lhe declarar-mos a nossa santa união, insistirá em que cazes com esse maldito sobrinho, que o diabo confunda, e quando não lhe obdeças, rompendo o seu testamento, unico titulo de teu reconhecimento, reduzirá em um instante a ti, a mim e ao nosso pobre filho á mais completa miseria : se lhe dissermos a verdade, se chegar a saber, que laços indissolueis nos prendem, e que assim ficão frustrados seus desejos, apenas dará ouvidos a seus ressentimentos, e tomado de colera te renegará por filha, e da mesma sorte ainda miseria nos espera . Em tão medonha collizão que partido tomar ? Elle está velho, e a existencia que arrasta é toda de tormentos. Não seria pois uma felicidade para elle, se o livrassem de tal viver ? Emilia, deixa-te de futeis escrupulos. Attende mais para ti, e para o innocente que trazes nas entranhas. Mais um ou dois dias de vida em seu estado pouco importa. Neste frasco existe um licor, do qual uma só gotta lhe dará o somno eterno. Toma, e na primeira taça de remedio, que lhe deres, derrama-o com coragem, que será mais um beneficio, do que um crime.

EMILIA.

Oh ! meu Deus ! e é crível, que consintaes com a vossa semelhanca monstros deste genero ! que suporteis sobre a terra malvados deste quilate ? Aborto do inferno ! Miseravel assassino ! vai-te, sai já desta casa. Tu és ainda peor do que a vibora peçonhenta, porque esta só dá a morte a quem a offende, e tu, facinora, queres tirar a vida á aquelle, que só té ha feito beneficios. Vai-te, vai-te, já tó disse, nem mais um instante aqui permanças, que ludo receio

de tua malvadeza : foge para bem longe, do contrario com meus gritos chamarei soccorro, e declararei ao mundo todo teus nefandos designios.

RODOLPHO (*com voz branda.*)

Emilia, olha para ti ! lembra-te de teu filho !

EMILIA.

A' custa da vida de ambos eu salvarei a de meu pai.

RODOLPHO (*um tanto fora de si.*)

Eis o que eu não quero : sou teu espozó, e devo oppor-me ás tuas loucuras.

EMILIA.

Já nada és meu, assassino ! a proposição que acabas de fazerme, quebrou todos os laços, que nos união. Hoje sóvejo em ti o mais desprezível dos criminosos.

RODOLPHO.

Emilia, o que até aqui pedi, agora exijo ! treme de recusarme !

EMILIA.

Zombo de tuas ameaças. O que me podes fazer ? tirar-me a vida ? ao menos livras-me do horror de tua presença.

RODOLPHO.

Pois bem, já que não queres aceitar o unico partido que te resta, eu mesmo o porei em pratica. (*Quer entrar no quarto e Emilia põe-se por diante da porta.*)

EMILIA.

Não, aqui não entrarás.

RODOLPHO.

Sabe, deixa-me o passo livre.

EMILIA.

Passarás antes por cima de meu cadaver !

RODOLPHO.

Veremos ! (*Agarra-se á ella e lutão.*)

EMILIA (*gritando.*)

Socorro ! acudão ! venhão todos cá fóra.

RODOLPHO (*suffocando-a com a mão.*)

Caia-te, maldita !

EMILIA (*desmaiando.*)

Ah ! (*Cahe no chão desmaiada.*)

RODOLPHO.

Emfim ! Agora o outro ! (*Vai entrar, e apparece
Ferreira da Veiga como um cadaver.*)

SCENA XII.

OS MESMOS E FERREIRA DA VEIGA.

FERREIRA DA VEIGA (*á porta do quarto.*)

Hydra venenosa, que agasalhei em meu peito, para meu damno ! não é preciso irs mais longe, que eu mesmo venho offerecer-me a teus golpes. Fere, assassino, o que te detém o braço ! miseravel envenenador, porque czitas ? Malvado, tu que tens a coragem para compellir uma fraca mulher, uma filha, a tentar contra a vida de seu pai, ficas agora perplexo em presença de tua victima ? Anda ! consuma a tua obra de iniquidade, e enche de pasmo e espanto o mundo inteiro com as tuas atrocidades ; mas espera : a propria natureza horrorisada, quer poupar-te mais este crime. A morte se chega exptanica, e a minha existencia se finda. Sinto que poucos instantes me restão, e estes quero aproveitál-os em punir teus horrores. Eis o meu testamento, que para sempre ficará aniquillado (*rasga o testamento*). (*Rodolpho, que tem-se affastado para o lado da scena opposto, precipita-se, mas quando chega, já o testamento está no chão em pedaços.*)

RODOLPHO.

Maldição ! (*arranca os cabellos.*)

FERREIRA DA VEIGA.

Minha filha não será reconhecida, mas fica no mundo quem fará as minhas vezes. Adeus, Emilia ! na eternidade nos encontraremos (*cae morto.*)

EMILIA (*voltando e correndo a abraçal-o.*)

Meu pai ! meu querido pai !

RODOLPHO (*a Lafuerca que vai-se retirando.*)

Morreu ! mas antes rompeu o testamento (*apontando para os peduços de papel.*)

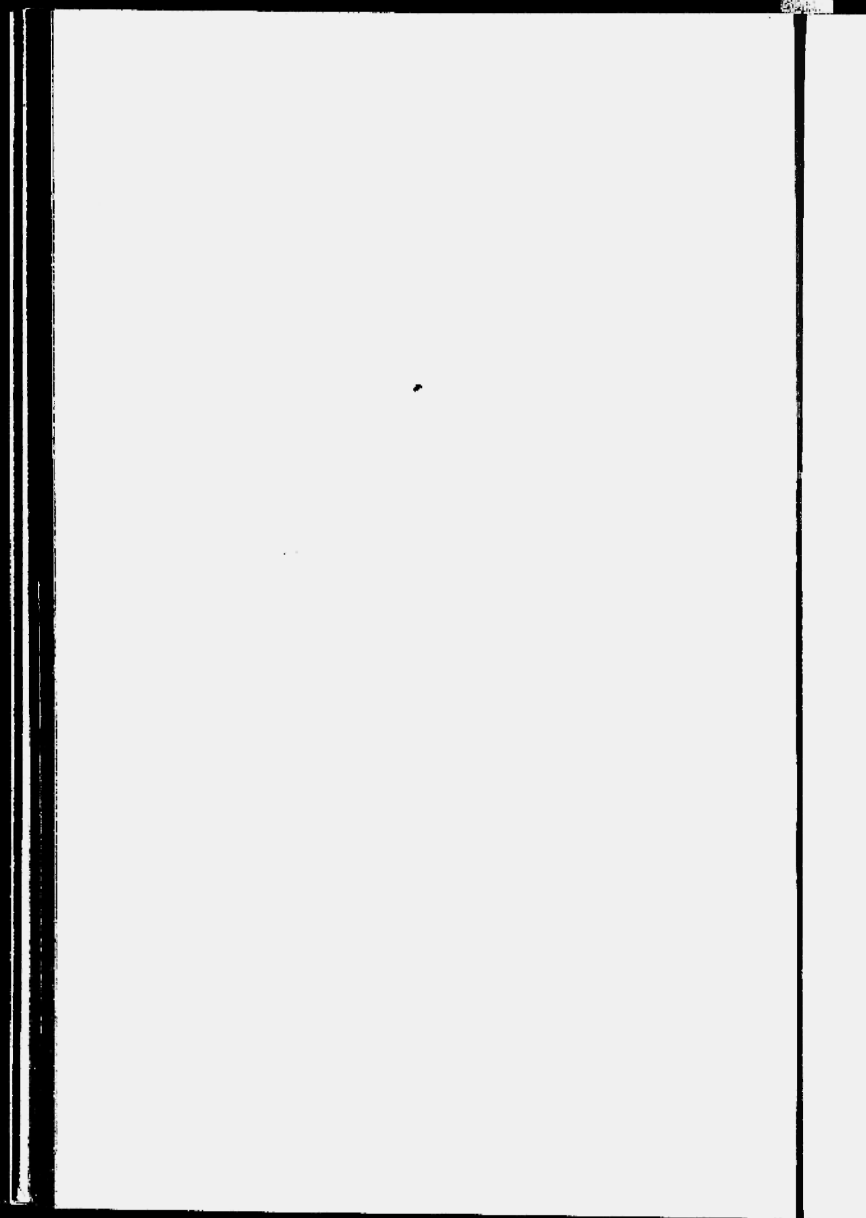
LAFUERCA (*empurrando, porque Rodolpho o quer abraçar.*)

E que tenho eu com isso ? Nossas relações estão acabadas, e peço-lhe que nem mesmo se lembre de que me conheceu ! (*vae-se precipitadamente.*)

RODOLPHO (*estupefacto e apontando para elle.*)

Que amigo ! e foi elle quem me aconselhou !







ACTO V.

O Theatro representa uma pobre saleta de um sótão, onde existem alguns trastes indicando miseria. Do lado direito ha uma porta, que serve de entrada geral. Do lado esquerdo outra, que communica com um quarto. No fundo duas janellas, que dão sobre um telhado.

SCENA I.

GONÇALO E o MEDICO (*o mesmo do 4.º acto.*)

GONÇALO (*ao medico que sahe do quarto da esquerda.*)

Então, Sr. doutor, como deixou o doente ?

MEDICO.

Agora mais tranquillo. O ataque que elle teve, foi proprio da molestia que soffre, e á proporção que o mal fôr augmentando, mais repetidos serão elles.

GONÇALO.

E V. S. que é tão grande medico, que tem feito, segundo é fama, curas tão extraordinarias, não poderá tambem curar esse pobre rapaz ?

MEDICO.

Bem desejo tinha eu, meu amigo, porém nós só fazemos o que cabe no possivel : seu filho, em consequencia dos

muitos excessos que praticou, e em resultado de affecções moraes, soffre um aneurisma de coração, e o medico por muito habil que seja, não pôde curar semelhantes lesões.

GONÇALO.

Logo tem necessariamente de succumbir?

MEDICO.

Desgraçadamente a molestia é mortal; porém, ainda assim, é provavel que viva algum tempo; o que cumpre é ter a mais severa dieta, e sobretudo evitar as tribulações de espirito, que lhe pôdem ser muito fataes.

GONÇALO.

Isso é o que não é possivel conseguir delle. Excessivamente sensivel, qualquer cousa o amofina, e algumas vezes á noite (supponho que em consequencia de maos sonhos) põe-se a gritar que o vem prender, que o querem enforcar, e então procura ou busca esconder-se. Tem sido mesmo já preciso empregar-se a força para conlê-lo, pois fica como um doudo.

MEDICO.

Tudo são symptomas proprios da molestia; porém espero que com a larga sangria que hontem lhe dei, não serão agora tão fortes. Sr. Gonçalo, eu deixei por escripto o que se devia fazer. Por estes dias não me será necessario voltar; se contudo occorrer algum incidente, mande-me chamar que serei prompto em acudir-lhe.

GONÇALO.

Obrigado, Sr. doutor, sei quanto V. S. é bemfazejo.

MEDICO.

Adeos. Aqui tem para mandar á botica (*mette-lhe na mão algum dinheiro.*)

GONÇALO.

Oh ! senhor ! ainda mais isto ! Além de tantos favores, ainda quer augmental-os soccorrendo-nos com esmolas ?

MEDICO.

Não é esmola, é cumprir um dever de homem, e nada ha nisto de extraordinario. Mande-me avisar, como já disse, se houver alguma occurrencia Adeos (*vai-se.*)

GONÇALO

O ceo o acompanhe.

SCENA II.

GONÇALO (*só.*)

Que alma generosa ! Que homem caridoso ! E retirou-se para furtar-se ao meu reconhecimento ! Quão feliz seria o mundo, se contasse muitos da sua especie ! (*abaixa a cabeça e reflecte.*) Pobre Bruno ! está com a sua sentença lavrada ! e o pouco que lhe resta de vida, será todo de angustias e soffrimentos ! Eu bem lhe prognostiquei este fim, mas elle, imprudente, nunca me quiz dar ouvidos ! Agora que se cumprão os decretos do Altissimo, e á elles me resignarei como christão.

SCENA III.

O MESMO E MARIANNA.

MARIANNA (*entrando muito apressada.*)

Então, Gonçalo, como está nosso filho? teve alguma novidade em minha ausência? o medico veio? como o achou? está melhor ou peor? tem alguma esperança ainda? responde depressa.

GONÇALO.

Não houve novidade, Deus louvado; mas senta-te, descança, que estás muito agitada.

MARIANNA.

Oh! se vim correndo! Se a casa fosse mais longe, de certo não chegaria, que as pernas já me faltavam; porem dize-me, o medico já veio?

GONÇALO.

Veio, sim. Agora mesmo d'aqui sabiu.

MARIANNA.

E que disse? deu algumas esperanças?

GONÇALO.

(*A'parte.*) Coitada! é preciso enganar-a (*alto*). Disse que por ora não havia perigo, que a molestia era grave, e que tinha de prolongar-se por muito tempo, se algum incidente. . . .

MARIANNA.

Oh ! meu S. Francisco de Paula, se consigo ver bom meu filho, prometto varrer descalça durante 3 dias afo vossa igreja.

GONÇALO (*á parte.*)

Pobre mãe ! o que seria de ti se soubesses a verdade !

MARIANNA.

O doutor receitou ?

GONÇALO.

Inda fez mais. Deixou dinheiro para se comprar o remedio. Aqui tens a esmola. que nos fez (*dá-lhe o dinheiro.*)

MARIANNA.

Que bom homem, que elle é ! O céo lhe accrescente, e o cubra de bençãos.

GONÇALO.

Dize-me Marianna, achaste a senhora aquem foste procurar ?

MARIANNA.

Achei-a com muita difficuldade.

GONÇALO.

E fallaste-lhe ? ella virá ?

MARIANNA.

A principio recusou-se, mas quando lhe disse quem eu era, e lhe pintei o estado de Bruno, desfazendo-se em pranto pediu-me que esperasse para vir comigo; mas eu, impaciente para voltar, escusei-me, ensinei-lhe a casa, e vim-me embora. Creio que ella não pôde tardar.

GONÇALO.

Deus o permita, que Bruno está impaciente.

VOZ DE BRUNO DENTRO.

Minha mãe! minha mãe!

MARIANNA.

E' a sua voz, corro a ver o que elle quer.

GONÇALO (so.)

Não ha filho algum por melhor que seja, que possa bem julgar quanto deve a seus pais. Este foi-nos ingrato, por sua causa nos achamos reduzidos a este misero estado: no entanto, doente e sem azilo busca a cheupana paterna, e é recebido com os braços abertos! oh! natureza, tuas leis tem muita força e ai daquelles que as desconhecem!

SCENA V.

O MESMO BRUNO (*encostado em Marianna.*)

BRUNO (*com o braço ao peito.*)

Tenha paciencia, minha mãe, quero esperal-a aqui. O que se vai passar entre mim e essa senhora, desejo que

seja prezenciado por todos, e o meu quarto pela sua pequenez não tem para isso capacidade.

MARIANNA.

Porém ao menos espera-a assentado, que debil, como te achas, não poderás ficar de pé.

BRUNO.

Pois bem sentar-me-hei, *(assenta-se, e Marianna conversa com Gonçalo; Bruno prosegue fallando comsigo mesmo)*. E' indispensavel, que eu obtenha o seu perdão. Já não me illudo, o meu estado é sem remedio, e a morte será inevitavel! Se condemnei o meu corpo ás torturas que hoje me flagellão, quero ao menos supplicar a esse anjo que rogue a Deus o perdão de meus enormes peccados. Pobre Emilia! que de martirios não terá soffrido? e meu filho, gerado entre lagrimas e suspiros, aquem nunca conheci, que será feito d'elle? vivira ainda? *(abaixa a cabeça pensativo.)*

MARIANNA *(lairo a Gonçalo.)*

Cahio outra vez na melancolia! está chorando!

GONÇALO

Certamente tem algum segredo, que ainda não podemos descobrir. *(Ouvem-se muitas vozes de — Pega — do lado da janellas, e alguns gritos.)*

GONÇALO.

Que vozes serão estas?

MARIANNA *(correndo á janella.)*

Parecem vir desta banda. *(Quando vai chegando a janella, salta por ella Eufemia descalça, mal trajada, e com os cabellos desgrenhados.)*

SCENA VI.

OS MESMOS E EUFEMIA.

EUFEMIA (*correndo assustada por todos os lados.*)

Pelo amor de Deus ! escondão-me ! escondão-me em alguma parte ! salvem-me das garras dos pedestres !

MARIANNA.

Que é isto, senhora ? socegue, que aqui ninguem lhe faz mal.

EUFEMIA.

Oh ! elles virão-me entrar, e não tardarão em perseguir-me ! escondão-me ! escondão-me ! pelas chagas de Christo !

GONÇALO.

Mas quem é que a persegue ?

EUFEMIA (*sempre muito agitada.*)

A policia, que deu em minha casa, e achou nella alguns objectos furtados, sem eu saber que o erão : agora os pedestres querem levar-me presa. Meu Deus ! elles ahí veem ! já sinto barulho no telhado ! para onde fugirei ? (*correndo para Bruno*). Senhor, accuda-me, por quem é. (*Reconhecendo-o dá um grito e recua*). Ah !

BRUNO (*levantando-se admirado.*)

Eufemia ! !

EUFEMIA (*muito rapidamente.*)

Sim, Rodolpho, a tua Eufemia perseguida por ladra !
Salva-me ! salva-me ! que .. te prometto amor eterno.

BRUNO.

Não é com a esperança de teu amor, não é seduzido pelas promessas de uma recompensa, que te salvarei, mulher sem fé, e sem decoro ; mas sim porque mais criminoso, que tu mesma, necessito de igual socorro. Vai, entra naquelle quarto (*aponta para a esquerda*) ; no fundo ha uma porta que deita para a cosinha do andar de baixo, desce, e ali irás ter a uma outra porta, que communica com o becco. Apressa-te, parte, e evita, se é possível, a acção da justiça.

EUFEMIA (*correndo para a esquerda.*)

Obrigada ! mil vezes obrigada !

MARIANNA.

Coitadinha ! estava tão afflicta !

GONçALO.

Mas para que consentio ella que sua casa fosse deposito de ladroeirias ?

BRUNO.

E' quasi sempre o fim de todas as mulheres mundanas. Entanto quanto lhes durão os attractivos, negocião com elles, depois entregão-se a outras sortes de vicios e de crimes. Felizmente, ainda desta vez pôde escapar, porém mais tarde ou mais cedo será victima de novos feitos.

UM OFICIAL DE JUSTIÇA (*á janella.*)

Não entrou aqui uma mulher ?

BRUNO.

Entrou ; porém sahiu pela escada.

OFFICIAL (*fingindo fallar para outros que estão fora.*)

Já desceu, vamos procural-a (*retira-se.*)

SCENA VII.

GONÇALO, MARIANA, BRUNO e EMILIA.

EMILIA (*entrando sem ver Bruno, que se acha sentado no fundo da scena.*)

Aqui estou, senhora, cumpri a minha palavra, onde está seu filho ?

BRUNO (*que apenas a vê aproxima-se.*)

Em sua presença, coberto de vergonha e de remorsos

EMILIA (*recuando e voltando o rosto.*)

Oh ! meu Deus ! em que estado !

BRUNO.

E' horror, senhora, ou commiseração quem a obriga a afastar de mim a vista ? Oh ! eu bem mereço ambos os sentimentos. Desconhecendo o summo bem que o céu me havia outorgado, em conceder-me a sua mão, não sendo

mesmo digno de tanta ventura, entreguei-me a toda a sorte de vícios e dissipações, com o que lhe envenenei a existência. Nem a sua mais constante resignação, nem as provas, que sem cessar me dava do quanto me era dedicada, poderão fazer-me arripiar carreira no caminho da perdição; por que cego eu cria beber amor em uma taça, onde a largos tragos sorvia mortifero veneno. Arrastado por um tropel de paixões desordenadas, nem só esqueci-me dos deveres de esposo, como fui um pai desnaturado, jámais me importando com a sorte de meu filho. Levei ainda a malvadesa ao ponto de tentar contra os dias de quem lhe deu o ser, do meu benteitor! mas o que se devia esperar de quem roubando o seu proprio pai, soffreu tranquillo ver seu nome maculado, e supportar sua innocencia castigos só aos crimes decretados? Sou por tanto um miseravel, sou um malvado, como ainda o mundo não vio igual, e é por isso que mereço o seu horror.

MARIANNA (*chegando-se á Bruno.*)

Meu filho, não te amofines, olha que isto te faz mal.

BRUNO

Inda maior damno me causa a lembrança do meu proceder! (*a Emilia*). Sim, senhora, por todas as minhas atrocidades só devo inspirar-lhe horror; porém se attender aos remorsos que me dislacerão a alma, se attender aos estragos, que elles em mim tem produzido, tornar-me-hei digno de compaixão. O meu semblante pallido e mascilento, os meus olhos encovados, os meus membros emagrecidos, e sobretudo o desordenado e tumultuozo pulsar de meu coração, bem indicão que a morte está proxima, e que em breve tenho de comparecer diante do juiz supremo para julgar as minhas culpas; mas como obter d'elle o perdão, sem que primeiro seja perdoado por aquella a quem tanto offendi? Emilia!.... (permittle que ao menos na minha hora extrema ainda te dê este doce nome) eu morro!

não consintas que teu odio vá além do tumulto. Bem conheço que fui contigo um scelerado, que fui um tyranno, que jamais reconheci as virtudes de que eras adornada, mas tem piedade do meu soffrer ! Profere o meu perdão e eu morrerei tranquillo; se ao menos não te commovem os meus rogos, fалlem em meu favor as preces do nosso innocente filho !

EMILIA (*entre soluços.*)

Esse infeliz que veio ao mundo debaixo de tão tristes auspicios, poucos dias gozou da existencia, e hoje augmentando a Corte celeste, roga a Deus pelos pecadores.

BRUNO.

Não vive nosso filho ? Oh ! ao menos não terá um dia de envergonhar-se de seu pai ! Pois bem, é por elle, é por esse anjo, que te peço que te esqueças do que fui, e só attentes para o meu estado (*pondo-se de joelhos*). Emilia ! deixar-me-has morrer com o desespero n'alma, sem ter ao menos a esperanza de salvar-me ?

EMILIA (*limpando as lagrimas*).

Por maiores que fossem suas faltas, já dellas me esqueci, e somente agora vejo o homem arrependido. Bruno, ou antes Rodolpho, (que este nome me foi bem caro !) Deus te perdoe, assim como de todo o coração te perdo-o.

BRUNO (*pondo as mãos.*)

Oh ! mulher incomparavel ! Oh ! Anjo de bondade ! Meu pai ! minha mãe ! aqui está em sua presença o ente a quem mais fiz soffrer n'este mundo, e que no entanto de tudo se olvidou para não amargurar meus ultimos momentos ! Ella é minha legitima esposa perante Deus e os homens. Supplico-lhes que a amem, que a venerem por ser de tanto digna.

GONÇALO E MARIANNA.

Sim, nós a estimaremos, como nossa querida filha.

EMILIA.

E eu pela minha parte procurarei tornar-me credora de suas aflições: e já que meu pai, antes de morrer cuidou de meu futuro, suavisarei, quanto poder, suas desditas.

BRUNO.

Emilia! um abraço, e será talvez o ultimo (*abraça.*)
Sinto uma aflicção no peito. que parece indicar a morte...
Minha mãe!..... meu Pai!..... abençoai vosso
filho..... (*cahe morto.*)

MARIANNA (*correndo a elle e cahindo de joelhos.*)

Meu Deus! expirou!

EMILIA (*tambem pondo-se de joelhos do outro lado.*)

Infeliz! só esperava ver-me para deixar de existir! (*chora*)

GONÇALO.

Deus receba em graça a sua alma!

SCENA VIII.

OS MESMOS, DOIS OFFICIAES DE JUSTIÇA (*dos quaes o que falla é o que appareço á jmelha com alguns pedrestres*) E LAFUERCA, PETRONILHO, CORTEZ (*presos.*)

OFFICIAL DE JUSTIÇA (*lenda um papel.*)

O Sr. Gonçalo Garcia de Gusmão ?

GONÇALO.

Seu criado.

OFFICIAL.

Trago aqui um mandado para prender um tal Bruno conhecido pelo nome de Rodolpho, e que é accusado por ter morto para roubar um francez ourives.

GONÇALO (*aparte.*)

Grande Deus! meu filho, alem de ladrão, tambem assassino!

OFFICIAL.

Estes são os seus presumidos correos, que aqui vicião para reconhecer a identidade. Assim queira entregar-nos o criminozo, ou consentir que procedamos á busca.

GONÇALO.

Ella não será mais precisa, porque esse desgraçado acaba de expirar! Ali está o seu cadaver! (*apontando*) podem reconhecê-lo: (*aparte*) Ao menos a morte poupou-lhe mais esta vergonha.

LAFUERCA, PETRONILHO E CORTEZ.

Morto!

LAFUERCA (*aos dous*)

O tratante pregou um formidavel logro á Policia.

PETRONILHO (*a Lafuerca.*)

Mas eu não desejo pregar-lhe igual.

CORTEZ.

Nem eu tão pouco.

OFFICIAL.

Visto este incidente, nós nos retiramos, e vamos lavar a parte n'este sentido. (*a Lafuerca e companheiros*) Andem, amigos, que os senhores pagarão as custas.

LAFUERCA.

Isso ainda hade ser o que disserem dois Boticarios (*vão-se.*)

GONCALO.

Eis o resultado das nimias condescendencias! eis o fructo das más companhias! Se quando em tenra idade, e em estado de receber educação, tivéssemos sido com elle austeros, desviando-o do máo caminho, e ensinando-lhe os deveres de homem e de Christão, hoje estaria sem duvida cheio de vida, seria util a sua Patria e á sua familia. No entanto satisfazendo todas as suas vontades, entregue a seus caprichos, e a perfidos amigos, que dissolutos, só o aconselhavam para o crime, expirou na flor dos annos, e ainda a sua morte o veio livrar de uma infamante condemnação (*pondo-se de joelhos*). Deus tenha piedade de sua alma, e faça com que ao menos este funesto caso sirva de exemplo á incauta mocidade, que cava a sua prompta ruina com os immoderados prazeres, a que se entrega!!!

